

José Régio, Raul Leal e a *Presença*: marcas epistolares de um diálogo modernista

Enrico Martines*

Palavras-chave

José Régio, Raul Leal, Branquinho da Fonseca, *Presença*, cartas.

Resumo

A coleção de manuscritos de Fernando Távora inclui alguns documentos referentes a correspondência de e para José Régio, ligados à sua função de diretor-fundador da revista *Presença*, no final dos anos Vinte. Com efeito, encontramos neste acervo documental: duas epístolas que testemunham dos contactos entre Régio e Raul Leal, uma carta dirigida por Régio a Branquinho da Fonseca, seu parceiro na direção da *Presença*, e outra breve missiva, de 1935, para Joaquim Moreira, então administrador da revista. É a correspondência com Raul Leal a que apresenta os elementos de maior interesse e, dentro dela, sobretudo as cartas assinadas por este autor. A respeito desta troca epistolar, foi possível articular a leitura dos manuscritos presentes na coleção de Fernando Távora com três missivas de Raul Leal conservadas no espólio regiano de Vila do Conde, as quais têm ligação com o material presente na coleção e fornecem informações importantes para o aprimoramento da sua interpretação.

Keywords

José Régio, Raul Leal, Branquinho da Fonseca, *Presença* literary magazine, correspondence.

Abstract

Fernando Távora's collection of manuscripts includes some documents related to the correspondence to and from José Régio, connected to his role as founding director of the literary magazine *Presença* in the late twenties. In fact, in the Távora collection we find two letters that bear witness to the contacts between Régio and Raul Leal, a letter addressed by Régio to his partner in the direction of *Presença*, Branquinho da Fonseca, and another brief missive dated 1935 to Joaquim Moreira, then administrator of the magazine. It is the correspondence with Raul Leal that presents the elements of greatest interest and especially the letters signed by this author. With regard to this epistolary exchange, it was possible to read the letters in the collection of Fernando Távora alongside three manuscripts present in the José Régio archive, in Vila do Conde, which are directly linked to the material present in the collection and provide important information, beneficial to its interpretation.

* Università degli Studi di Parma.

A coleção de manuscritos de Fernando Távora inclui alguns documentos referentes à correspondência de e para José Régio, exímio protagonista do chamado “segundo modernismo”, diretor-fundador da revista *Presença*, que, como é sabido, esteve em atividade entre 1927 e 1940. Com a exceção do documento mais recente do conjunto, as epístolas patentes nesta coleção dizem respeito a esta sua função de grande divulgador da cultura através da folha coimbrã, nomeadamente com tarefas e acontecimentos ligados aos seus primeiros anos de vida. De facto, encontramos neste acervo documental duas epístolas que testemunham dos contactos entre Régio e Raul Leal, uma carta dirigida pelo autor de *A velha casa* ao seu parceiro na direção da *Presença*, António José Branquinho da Fonseca, e outra breve missiva para Joaquim Moreira, então administrador da revista. Entrando mais em detalhes, o conjunto epistolar é formado por:

- um rascunho de carta para José Régio escrito por Raul Leal em dezembro de 1927;
- uma carta de José Régio a Raul Leal de março de 1929;
- uma carta de José Régio a Branquinho da Fonseca de 25 de julho de 1927;
- uma carta de José Régio a Joaquim Moreira de 22 de novembro de 1935.

Os temas fundamentais desta correspondência são o envio – ou o pedido – de colaborações para a revista, assim como de exemplares da mesma, a sua distribuição ou a angariação de novos assinantes. Como é sabido, José Régio ocupou-se de estabelecer contactos e reunir colaborações para a *Presença* só nos primeiros anos da sua atividade. Com a sua partida para Portalegre, em 1929, para lecionar no então Liceu Nacional, dessas tarefas incumbiram-se principalmente os outros diretores – João Gaspar Simões e, mais tarde, Adolfo Casais Monteiro – ficando para José Régio uma função de controlo e orientação da revista mais à distância. A própria correspondência deste com Fernando Pessoa – um dos mais ilustres interlocutores e colaboradores da folha coimbrã – testemunha esta situação, sendo onze das quinze cartas que compõem esta relação epistolar datadas entre 1928 e 1929 (cf. PESSOA, 1998).¹ É também indício deste relativo distanciamento físico e temporal a escassez de materiais concernentes à vida da *Presença* no espólio regiano, conservado em Vila do Conde.²

Mas não é só de aspetos práticos ligados ao dia a dia da “Folha de Arte e Crítica” que se fala nestas cartas. Nelas podem-se ler desabafos e balanços pessoais, esboços de projetos, acenos a lembranças individuais e geracionais,

¹ Das restantes quatro epístolas posteriores, duas – de 1930 – são motivadas pela oferta, por parte de José Régio a Fernando Pessoa, de um exemplar da sua coletânea de poesia *Biografia*; a terceira, de finais de 1934, é escrita por Pessoa para agradecer o envio do *Jogo da Cabra Cega*; finalmente, a de junho de 1935, inclui a última tentativa que Régio faz para obter – em vão – uma nova colaboração pessoana para a *Presença*.

² Agradece-se por esta informação a Isabel Cadete Novais, diretora do Centro de Estudos Regionais.

marcas do estilo e da personalidade dos autores, todos elementos que tornam estes documentos dignos da atenção que merecem as figuras neles envolvidas.

José Régio-Raul Leal

São sobretudo os manuscritos relativos à correspondência com Raul Leal a apresentar os maiores elementos de interesse e, dentro dela, a(s) carta(s) assinada(s) pelo autor d'*A Liberdade Transcendente*. As desinências do plural postas entre parênteses remetem para a existência de materiais adicionais – fora da coleção de Fernando Távora – que podem ser úteis para complementar e esclarecer as epístolas contidas no acervo documental que é objeto do presente dossier. Efetivamente, graças à colaboração de Isabel Cadete Novais, Presidente da Direção do Centro de Estudos Regianos de Vila do Conde, pudemos localizar no espólio do autor dos *Poemas de Deus e do Diabo* – conservado no Centro de Memória de Vila do Conde e pertencente à Câmara Municipal dessa cidade – três missivas endereçadas por Raul Leal a José Régio. Pelo menos duas destas têm ligação direta com o material presente na coleção Fernando Távora e fornecem informações importantes para o aprimoramento de sua interpretação:

- Carta de dezembro de 1927 enviada por Raul Leal a José Régio. Trata-se da passagem a limpo do rascunho presente na coleção Távora, sem variantes textuais mas completa de data (elemento fundamental para colocar cronologicamente o documento preparatório), assinatura e de um interessante *Post Scriptum* que não consta do esboço que aqui se transcreve (Fig. 2d). Estas informações complementares, oriundas da carta guardada no espólio regiano de Vila do Conde, são referidas em notas de rodapé, que também descrevem todas as intervenções autorais patentes no manuscrito do rascunho.
- Carta de Raul Leal a José Régio de março de 1929. Trata-se da carta que responde à epístola regiana presente na coleção de Fernando Távora, ou melhor, para sermos mais exatos, da carta que responde a outra missiva anterior de José Régio (que não temos à disposição) e que se cruza com a breve mensagem de solicitação enviada por Régio nesses mesmos dias. Este documento presente no espólio regiano permite contextualizar o assunto principal a respeito do qual o diretor da *Presença* anseia por uma resposta de Raul Leal (“Porque não respondeu ainda à minha carta?”, é o exórdio de José Régio): a delicada questão da não publicação na folha coimbrã do artigo intitulado “A Virgem-Besta”, como se explicará a seguir.
- Postal de Raul Leal a José Régio de janeiro de 1930. Menos interessante e não diretamente ligado ao material presente na coleção Távora, menciona

contudo o envio de uma parte do drama teatral *O Incompreendido* para ser publicado na *Presença*.

Julgámos portanto interessante intercalar o material presente em Vila do Conde às epístolas que deveriam naturalmente ser apresentadas no dossier dedicado ao acervo documental de Fernando Távora. Não se pretende desta maneira oferecer a integralidade da correspondência trocada por estas duas grandes personalidades do modernismo português: certamente, houve mais cartas entre os dois, anteriores a dezembro de 1927 (já Raul Leal tinha enviado colaborações para a *Presença* antes dessa altura) e sabe-se da existência de outras cartas (não disponíveis) anteriores às de março de 1929 e ligadas ao envio do mencionado artigo “A Virgem-Besta”. Não obstante, pareceu-nos oportuno juntar as peças de correspondência presentes nos dois acervos para fornecer uma informação mais completa aos leitores da revista.

Homem de *Orpheu*, aliás “*Orfeu de mais*”, na opinião de Mário de Sá-Carneiro,³ futurista heterodoxo, autor em 1921 de uma carta endereçada a Marinetti em que propunha um profundo programa de reforma do movimento; filósofo do Vertiginismo Transcendente, referência dos modernistas (sobretudo de Fernando Pessoa)⁴ com as suas arrojadas teorias teometafísicas expressas em panfletos de estilo retumbante destinados a criar polémicas acirradas, como foi o caso da *Sodoma divinizada*, em 1923; profeta, com o nome bíblico de Henoch, incumbido da alta missão de fundar uma nova religião, a Igreja Paracletiana; poeta, embora quase exclusivamente em francês; Raul Leal era um dos naturais interlocutores da *Presença*, revista que se propunha divulgar e explicar a seus leitores os valores mais originais da nova literatura portuguesa, os autores que tinham provocado mais escândalo do que uma real aceitação crítica quando

³ Numa carta de 5 de novembro de 1915 a Fernando Pessoa, Sá-Carneiro afirmou, a propósito do caráter rebelde e inconformista de Raul Leal: “O que diz do Leal, curioso e certo, creio. É muita pena que o rapazinho seja um pouco *Orfeu de mais*” (SÁ-CARNEIRO, 2015: 413). Aliás, o “rapazinho” a que se refere o autor da *Dispersão* era quatro anos mais velho do que ele e dois anos mais velho do que Fernando Pessoa, tendo nascido em 1886.

⁴ Fernando Pessoa escrevia em 1915, a propósito do sistema filosófico proposto por Raul Leal: “É um sistema que não é já, propriamente, uma filosofia: transcende a filosofia [...] A própria incapacidade de se pensar esse sistema é a capacidade de pensar esse sistema. A impossibilidade de o explicar, explica-o. Não se poder definir – é essa a definição [...] Envolto na linguagem confusa, perplexa, propriamente e explicavelmente vertiginal do próprio sistema, o fusionismo transcendente revela contudo, aos espíritos que quiserem descer ao seu abismo através dos turbilhões de névoa da sua expressão, a sua íntima e original riqueza substantiva. Era impossível que quem concebeu tal sistema o pudesse exprimir claramente. Exprimi-lo claramente, mesmo, é não o compreender. A grande ficção vertiginal, o grande Meio inestável das cousas, o abismo absoluto e ilocável do ser, o oceano sem praias do Absoluto Relativo. Raul Leal: O seu espírito viveu demasiadamente o seu sistema” (*apud* LOPO, 2013a: 10-11). Sobre a importância do pensamento lealino na definição das tendências literárias pessoanas, cf. LOPO (2013a: 1-27). Mais em geral, sobre a importância do pensamento lealino no movimento modernista cf. SILVA (2015).

vieram clamorosamente a público, nos anos anteriores ao aparecimento da revista coimbrã. E, com efeito, Raul Leal foi dos primeiros homens da geração de *Orpheu* a aparecer na *Presença*, logo no n.º 4, de 8 de maio de 1927. Foi o autor dos *Poemas de Deus e do Diabo* o responsável pela aproximação de Raul Leal à folha de Coimbra, conforme o depoimento de João Gaspar Simões: “Através do mesmo José Régio chegam à nossa folha Raul Leal, Mário Saa e António Botto” (SIMÕES, 1977: 56). Foi o início de uma colaboração que se manteve até 1936, embora entre a última contribuição (dedicada a Fernando Pessoa, depois da sua morte) e a penúltima (a publicação, em 1931, do mencionado artigo “A Virgem-Besta”, que provocou divisões dentro da revista) tenha decorrido o longo espaço de cinco anos. No total, o nome de Raul Leal (quase sempre acompanhado pelo pseudónimo “Henoch”) apareceu treze vezes na “Folha de Arte e Crítica”, com sete contribuições poéticas, quatro de prosa crítica e duas de teatro.⁵ Além disto, a *Presença* publicou (no n.º 18 de janeiro de 1929) uma detalhada “Tábua bibliográfica” de Raul Leal, realizada pela redação mas que muito provavelmente se baseou em informações fornecidas pelo próprio escritor, como aconteceu em relação às “Tábuas” dedicadas a Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, ambas redigidas pela mão dos poeta dos heterónimos.⁶ Raul Leal foi portanto considerado pelos responsáveis da revista coimbrã dentro do reduzido número de autores do primeiro modernismo que mereciam a pontual ação de informação e divulgação empreendida através da publicação desta série de tábuas bibliográficas, dedicadas também – além dos três nomes citados – a Mário Saa, António Botto e José de Almada Negreiros.

A primeira carta disponível de Raul Leal a José Régio (dezembro de 1927) abre-se com a declaração da proximidade sentida entre o espírito de quem escreve

⁵ As colaborações de Raul Leal para a *Presença* são: “Le Dernier Testament. II – Messe noire. Poème sacré” (inédito) (Final), *Presença*, n.º 4, Coimbra, 8 de maio de 1927, pp. 4-5; “A criação do futuro. A organização bolchevista pelo fascismo através da acção norte-americana e sob o regimen duma monarquia libertária”, *Presença*, n.º 8, Coimbra, 15 dez. 1927, p. 4; “Psaume”, *Presença*, n.º 10, Coimbra, 15 mar. 1928, p. 5; “Lamentations de Henoch (do poema inédito *Messe Noire*)”, *Presença*, n.º 12, Coimbra, 9 maio 1928, p. 7; “Psaume”, *Presença*, n.º 13, Coimbra, 13 jun. 1928, p. 3; “Psaume”, *Presença*, n.º 14-15, Coimbra, 23 jul. 1928, p. 11; “Mario Eloy, le grand évocateur d’incubes”, *Presença*, n.º 16, Coimbra, nov. 1928, p. 6; “Psaume”, *Presença*, n.º 19, Coimbra, fev., mar. 1929, p. 3; “O incompreendido, peça dramática em 3 actos e 4 quadros, primeiro acto, scena VI”, *Presença*, n.º 23, Coimbra, dez. 1929, p. 3; “Excerpto do drama metafísico em 3 actos e 4 quadros, O incompreendido, (terceiro ato, segundo quadro)”, *Presença*, n.º 25, Coimbra, fev., mar. 1930, pp. 9-15; “Messe noire, poème sacré (excêrto)”, *Presença*, n.º 31-32, Coimbra, Mar.-Jun. 1931, pp. 24-25; “A virgem-besta”, *ibidem*, p. 25; “Publica-se o primeiro capítulo do livro em preparação *Fernando Pessoa, precursor do Quinto Império*, Na glória de Deus”, *Presença*, n.º 48, julho 1936, pp. 4-5. Oito colaborações são escritas em francês (as sete de poesia, mais o artigo sobre Mário Eloy) e cinco em português; o pseudónimo Henoch só não aparece por ocasião da primeira colaboração teatral; curiosamente, por duas vezes o nome do autor figura escrito com a grafia francesa “Raoul” (no fim do artigo dedicado a Mário Eloy e no “Psaume” publicado no n.º 19).

⁶ Cf. as cartas de Fernando Pessoa a José Régio de 3-5-1928, 15-11-1928, 20-11-1928 e 6-12-1928 in PESSOA (1998).

e o de quem vai ler e, sobretudo, com a manifestação do interesse suscitado em Leal pela *Presença*, tratando-se “duma publicação que, sem duvida, ha de marcar na historia da nossa literatura”. Os dois escritores não se conheciam pessoalmente, como se depreende pelo exórdio da missiva: “Meu querido José Régio, Deixe-me tratá-lo assim apesar dos meus olhos o não conhecerem”. Mas Raul Leal tinha outros amigos entre os colaboradores da revista, como se lê num trecho do rascunho posteriormente riscado: “A mais profunda estima e consideração intelectual tenho por si e por todos que o rodeiam, alguns dos quaes, como o Antonio Navarro e o Mario Coutinho, são grandes amigos meus” (Fig. 1d).

A referência à consideração tida pelos jovens responsáveis e colaboradores da revista coimbrã trouxera à memória de Raul Leal os seus tempos de estudante de Direito na cidade banhada pelas águas do Mondego, onde obtivera a sua licenciatura em 1909. E suscitara ainda um paralelo entre a presente geração universitária coimbrã, representada pela atividade da “Folha de Arte e Crítica”, e a da sua época de estudante nessa cidade. Como o autor de *O Incompreendido* escreve na carta a José Régio: “olhando para o meu passado noturno, encontro um contraste desolador...”. Esta constatação dá origem a interessantes considerações sobre o nível intelectual da sua geração coimbrã, que acabam por aludir – de forma extremamente crítica – à situação político-social portuguesa do momento em que escreve: “Na minha geração coimbrã não havia *Nada*, na aceção absoluta, metafisica da palavra: *Nada a não ser Eu!* [...] Em Coimbra mais não havia do que mediocres e parvos! D’ahi a grande decadencia politica e social em que vivemos, sendo certo que a vida do paiz está em grande parte nas mãos da minha geração coimbrã”. Dois anos mais tarde, noutra carta para Régio de março de 1929, Leal será ainda mais explícito, declarando a sua intenção de “fincar bem as minhas garras de tigre na carne podre dessa sociedade de merda”. Leal era profundamente monárquico e há anos lutava contra o regime republicano, chefiado, na opinião dele, por indivíduos medíocres e sem relevo espiritual. Em 1915 lançara (literalmente, desde as galerias do café Martinho no Rossio) o manifesto *O Bando Sinistro* em que, protestando contra o regime liderado por Afonso Costa, proclamava que “Portugal vive hoje um pesadelo enorme de lama e de sangue!”, devido ao “inferiorismo d’alma republicano”, baseado numa mentalidade materialista, virada para a procura do lucro e falha de qualquer componente espiritual. De resto, toda a filosofia lealina da Vertigem Transcendente é articulada em torno da dicotomia Matéria vs. Espírito, em que o primeiro polo é relacionado com a bestialidade terrena, a razão que tudo determina – e assim limita – e que por isso nega a vida anímica e espiritual, a qual pelo contrário procura o Infinito, o que “ultrapassa metafisicamente todos os limites”, o que “é o Indefinido Absoluto, é a própria Vertigem que é assim Deus”, como escrevia em *Sodoma Divinizada*. Perante a decadência da sociedade republicana, o panfleto – cujo subtítulo “Appello aos Intellectuaes Portuguezes” sublinhava o seu alvo principal – ressaltava a funda-

mental missão desses “raros espíritos de elite” de que fala na carta a José Régio e entre os quais ele certamente se inscrevia (cf. ALMEIDA, 2015): unir os seus esforços contra os republicanos para decretar a vitória dos Espíritos superiores contra a mediocridade e restabelecer essa “Ordem sobrenaturalista que vem de Deus e que só as Monarquias Sagradas do Christianismo podem exprimir” (LEAL, 1918: 1).

Ainda em 1927, Leal sentia que a mesquinhez do ambiente intelectual português de início do século travara o seu desenvolvimento espiritual, confessando a Régio ter preferido – ele, o futurista amante da “vida tumultuosa das cidades” – o isolamento da vida nos campos, longe desse “bulício da vida académica a que não sabia adaptar-me”. Encontramos nestas palavras mais uma afirmação da autoimagem que Raul Leal formara ao longo dos anos de uma vida difícil e atormentada, a de um ser incompreendido e alheio ao mundo circunstante. Também a de um ser excessivo que prefere viver a sós esta faceta do seu caráter para ressaltar a própria dignidade, porque ele estava ciente de que, também na forma de viver o excesso, havia uma natural diferença entre si e os outros. Efetivamente, como escreve na carta a José Régio, até “na devassidão e no vinho”, Raul Leal achava melhor “viver sózinho sem companheiros de vício”. No panfleto de 1923, intitulado *Uma Lição de Moral aos Estudantes de Lisboa e o Descaramento da Igreja Católica* – em que polemizava diretamente com Pedro Teotónio Pereira, líder da Liga dos Estudantes, que reagira publicamente contra a sua *Sodoma Divinizada* e contra as *Canções* de António Botto – Raul Leal escrevia: “Dolorosa continúa sendo a essência da minha alma através de todas as depravações, de todos os vícios. O vinho, o jogo e o deboche são em mim a carcassa exterior de uma vida essencialmente puríssima, cheia de dôr e resignação” (apud BARRETO, 2012: 258). E algumas linhas antes, no mesmo texto, desafiando o seu interlocutor a acusá-lo de qualquer tipo de indignidade, sublinhava a natureza discreta e solitária dos seus vícios, ao escrever: “Até calquei de encontro ao peito toda a minha sensualidade bestial, sacrificando-a por completo n’uma vida de simples onanista. E porque mesmo no deboche quero sempre orgulhosamente estar de cima, não tendo pois desejado de modo algum patentear as minhas misérias às criaturas que me pudessem acompanhar através do vício” (BARRETO, 2012: 255).

A expressão “companheiros do vício” aparecera já na própria *Sodoma Divinizada*, no parágrafo em que o autor fala do ambiente “depravado e sacrílego da vida moderna” em que “tudo é profano, pagão, terrestre, naturalista em volta de nós” e em que, por conseguinte, se torna muito difícil “sobrenaturalizar-nos no Amor e no Vício”, ou seja, sentir Deus na luxúria, realizá-la misticamente, divinizar Sodoma, como o panfleto propunha escandalosamente. A este respeito, escrevia: “O pederasta e luxurioso alheado das cousas divinas não é digno de censura por ser pederasta e luxurioso; é-o apenas como quaisquer outros homens – o do lar, o comerciante honrado, o escroque por não exercer o vício misticamente. Mas quem o pode hoje exercer no ambiente terreno, naturalista das nossas cidades

e em que os nossos *companheiros do vício* [sublinhado meu] se alheiam de Deus, sua própria essência?" (LEAL *et al.*, 1989).

O meio académico em que Leal vivera, "tão mesquinho, tão pouco intelectual e artístico", tornara apenas ocasional a expressão dos seus "rasgos de génio", deprimindo a sua ambição de "triunfar nos Céus" e impedindo-o de realizar uma obra à altura do seu nível, que só seria esboçada, depois de formado, no drama metafísico *O Incompreendido*, de carácter eminentemente autobiográfico, cujo segundo capítulo, "tendo sofrido posteriormente grandes remudações [sic], muitas mais sofrerá ainda". Esse mesmo drama de que a *Presença* publicaria dois excertos, no n.º 23 (dezembro de 1929) e no n.º 25 (fevereiro-março de 1930). No postal que Raul Leal enviou a José Régio em janeiro de 1930 (conservado no espólio pertencente à Câmara Municipal de Vila do Conde), o autor refere a preparação do excerto da sua peça teatral destinado a ser publicado no n.º 25 da revista: "Estou acabando de copiar o segundo quadro do terceiro ato da minha peça *O Incompreendido* para lhe enviar".

Na carta de 1927 Leal traça, portanto, um balanço dos seus inícios literários, condicionados pela pobreza do meio intelectual em que vivia. A este propósito, regista-se com interesse a informação de que o autor de *O Incompreendido* perdera "quasi totalmente" a sua produção anterior à formação universitária (conseguida em 1909) – limitada a alguns "esboços filosóficos e críticos" – por causa da Revolta de fevereiro de 1927, malograda tentativa de derrube da ditadura militar instalada com o golpe de 28 de Maio de 1926, chefiada por forças militares e civis republicanas. Raul Leal refere que os seus manuscritos se encontravam guardados na redação do jornal *Correio da Noite*, assaltado por populares na tarde do dia 7 de fevereiro.

A carta é acompanhada pelo envio de um salmo em francês, o primeiro da série de quatro "Psaumes" de Raul Leal publicados pela *Presença*. Este apareceria no n.º 10, de 15 de março de 1928, sendo o poema datado de "décembre 1927"; de facto, na carta, o autor especifica ter "feito ultimamente" a composição que envia para a revista coimbrã. Também acrescenta a informação de se tratar de "uma verdadeira prece paracletiana". Com efeito, o tom do salmo é mesmo o de uma invocação aos "esprits aériens", para que a alma do profeta Henoch se eleve a Deus e assim alcance a loucura divina e a luxúria delirante de todo o Infinito. Vejam-se o início e o final do poema:

Oh, esprits aériens,
Qui au galop astral
Eternellement parcourent
L'Univers entier,
Faites que Mon âme se lève à Dieu
En extases de puissance,
En délire profond de Grâce
Et de sombre fierté...

[...]
 Oh, esprits aériens
 Que Dieu conduit,
 Transportez Mon être
 À la débauche astrale,
 Donnez-Moi enfin
 La folie divine,
 La luxure délirante
 De tout l'Infini...
 Arrachez pour toujours
 De Mon existence terrestre
 L'abattement lâche
 Qui me transporte au Néant,
 Déchirez en furie
 Les misères de Mon être honteux
 Pour que Je Me lève enfin,
 En mystique exaltation,
 Au Royaume sacré
 De la Mort-Dieu...!

Mas ao enviar esta colaboração, Raul Leal sente a necessidade de esclarecer esta importante faceta da sua filosofia, que se reverbera também na sua poesia. A carta enviada a José Régio acrescenta, em relação ao rascunho, um *Post Scriptum* em que o autor do “Psaume” escreve: “Como não sei se já leu um manifesto que lancei ha anos, a proposito duma exposição de pintura, no qual expuz sinteticamente o paracletianismo (religião do Espírito Santo ou Divino Paracleto), envio-lhe alguns exemplares, para si e para os nossos amigos da Presença. Esse manifesto esclarece certos pontos obscuros da minha ultima colaboração” (Fig. 2d).

Leal deve estar a referir-se ao texto intitulado *La vision de deux artistes et la folie luxurieuse de Dieu. Appel aux jeunes gens à propos d'une exposition de peinture. Les salons de l'Illustration Portugaise viennent de s'ouvrir pour deux artistes: Albert Cardoso et Marius Eloy*, de 1924, longo ensaio de dezoito páginas existente no espólio da família de Fernando Pessoa, de que havia também uma versão em português (*A visão de dois artistas e a luxuriosa loucura de Deus. Apelo às gerações novas a propósito duma exposição de pintura*), do mesmo ano, publicada pela Imprensa Lucas & C.^a (cf. LOPO, 2013b: 60). Aliás, já em obras anteriores a esse manifesto Raul Leal fizera do anúncio da Igreja Paracletiana – a nova religião do Espírito Santo que Deus-Satã o incumbiu de propalar – um dos principais *leit-motifs* do seu discurso artístico e teometafísico, junto com a ideia da Vertigem, palavra-chave repetida obsessivamente como um mantra. Em 1920, o seu “Hymne-Poème Sacré” intitulado *Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit*, primeiro volume da obra *Le Dernier Testament*, expusera poeticamente, em noventa e uma oitavas, os fundamentos desta doutrina. O ano seguinte, Raul Leal escrevera uma carta a Marinetti em que lhe anunciava as bases da fundação dessa religião futurista: “C’est donc une nouvelle Religion et une nouvelle Église que Je veux annoncer et l’une et l’autre

ont tout-à-fait le caractère de futuristes. [...] L'Église Paracletienne dont la fondation Dieu M'ordonne d'annoncer, c'est une Église essentiellement Futuriste! Et levons donc l'étendard sanglant de la Révolte contre la charogne du Vatican!!..." (apud SILVA, 2015: 117-118).

Uma religião a que se juntava uma visão da obra de arte como misto de representação cénica, celebração religiosa e ritual iniciático, a que Leal chamava de Astralédia. Também no mencionado panfleto de 1923, *Uma Lição de Moral aos Estudantes de Lisboa e o Descaramento da Igreja Católica*, encontra-se a explicação dessa "Theocracia Universal para que todas as Monarchias da Terra se devem encaminhar" – aqui na sua vertente teopolítica – cuja alta missão "é dar a cada ser a onnipotencia divina"⁷ e que acabará por "fundar o terceiro Reino Divino que é o Reino da Vertigem ou do Espirito Santo, sagrado Paraclete de Deus e da Vida..." (apud BARRETO, 2012: 261).

Apesar de Leal indicar que o manifesto de 1924 era o único de que tinha exemplares à sua disposição,⁸ provavelmente quando escreve a Régio em dezembro de 1927 esse texto parecer-lhe-ia também o mais adequado para esclarecer "os pontos obscuros" da sua última colaboração na *Presença*, o artigo "'A criação do futuro'. A organização bolchevista pelo fascismo através da acção norte-americana e sob o regimen duma monarquia libertária", publicado no n.º 8 (dezembro de 1927). Com efeito, se já o final do poema sagrado "Messe noire" – estreia de Raul Leal na folha coimbrã – falava do profeta Henoch⁹ e da sua "Vertige éternel de Luxure-Dieu...", o último artigo discursava sobre a "Cidade ou Reino paracletiano" em que os artistas adeptos dessa doutrina deveriam exprimir em "dramas aéreos [...] todo o processus labiríntica e vertigicamente fantasmogénico, toda a tragédia convulsiva e brutal do Existir Divino, do espantoso Existir-Criar, essencialmente sinistro e oblíquo Vácuo-Fantasma em delirante, angustiosamente louca e luxuriosa Vertigem-Besta", assim compondo essa "obra de arte *una* que eu denomino Astralédia e que é a representação viva, gigantesca do Grande Drama astral e divino em Abstração-Morte, aquele Drama de Vertigem-Vácuo que impõe e consome Deus na sua essência".

Voltando à proposta do "Psaume" para a *Presença*, regista-se também a atitude despretensiosa do autor, que deixa totalmente ao arbítrio de José Régio a avaliação da eventualidade e dos tempos da sua publicação, explicando as razões que fazem com que ele perceba perfeitamente as dificuldades e as exigências de um diretor de jornal ou revista. Um comportamento que Leal repete dois anos mais

⁷ De que deriva também a utilização da maiúscula em todos os pronomes pessoais de primeira pessoa que encontramos nesses textos.

⁸ Leal acrescenta: "Desejaria oferecer-lhes as poucas obras que tenho publicado, mas não conservo delas nenhum exemplar". No mesmo *Post-Scriptum* Leal menciona ademais "os sete números que publiquei do meu panfleto *O Rebelde*", também publicados em 1927, dos quais já enviara exemplares a José Régio.

⁹ "Le Prophète-Mage de la Mort et de Dieu | Batira enfin | Le Royaume-Vertige du Saint-Esprit".

tarde, na sucessiva troca de cartas de que temos testemunho, a propósito da controversa publicação do artigo “A Virgem-Besta”. Como dito anteriormente, a carta de Régio presente na coleção de Fernando Távora não bastaria para identificar o assunto a respeito do qual o diretor da *Presença* espera uma resposta do seu interlocutor. Seria sempre possível avançar uma hipótese com base na data da carta regiana e sabendo por outras fontes que o debate nas fileiras do movimento presencista, acerca da oportunidade de publicar esse chocante artigo, surgiu nos primeiros meses de 1929. Mas a resposta pontual e inequívoca lê-se no início da carta de Raul Leal de março desse ano, conservada no espólio regiano: “Em resposta á sua carta [anterior em relação àquela presente na coleção de Fernando Távora] devia-lhe ter escrito imediatamente para lhe desfazer por completo qualquer preocupação que tenha sobre o caso do meu artigo, ‘A Virgem-Besta’” (Fig. 4a). É mesmo por Leal não ter escrito imediatamente a Régio a esse respeito, que este volta a escrever em março de 1929, principiando a sua missiva por: “Porque não respondeu ainda à minha carta? Todos os dias a tenho esperado – a carta em que Você me diga que não está melindrado com a Presença” (Fig. 3a). Pelo *Post Scriptum* da epístola de Raul Leal (Fig. 4a) sabe-se que ele recebeu esta última carta regiana quando já estava a mandar a sua, tendo atrasado de alguns dias o seu envio para satisfazer outro pedido de colaboração, de que se falará em breve.

Porque é que Raul Leal poderia estar melindrado com a *Presença*? A resposta é notória: porque um grupo maioritário de colaboradores da revista opusera-se à publicação de “A Virgem-Besta”, contrariando assim a intenção do próprio José Régio, que terá comunicado esta decisão ao autor do artigo na carta que antecede a que se transcreve neste dossier. Os pormenores desta polémica são conhecidos através de cartas que Régio enviou nessa época para João Gaspar Simões e que este publicou no seu *José Régio e a história do movimento da “Presença”*: Raul Leal terá enviado o seu artigo a Régio em janeiro de 1929, acompanhando a remessa pelas seguintes palavras: “Se porventura a publicação desse artigo lhe puder trazer quaisquer sensaborias, não o publique pois eu não me ofenderei. Sou o primeiro a reconhecer que é excessivo e não desejo arrastar os meus amigos no abysmo da minha loucura”¹⁰. Régio mandara “A Virgem Besta” à atenção de Simões em carta sem data (mas datável de janeiro de 1929), comentando: “Esse trecho do Raul Leal, que te mando. É escandaloso, e capaz de nos afugentar um ou outro assinante! Mas deixa lá. Não o publicar por semelhante motivo – seria um desmentido à Presença” (SIMÕES, 1977: 229). Da carta de 24 de janeiro a Simões percebe-se a reação negativa da maioria dos presencistas perante “A Virgem-Besta”. Régio escreve: “Novo assunto: Raul Leal. Submeto-me à vossa decisão mas não concordo com ela” (SIMÕES, 1977: 235). As razões do desacordo regiano são as mesmas que já

¹⁰ Período transcrito por Régio na carta enviada a Simões a 29 de janeiro de 1929 (cf. SIMÕES, 1977: 238).

condensara no primeiro comentário transcrito: mesmo ofendendo “brutalmente as crenças religiosas e morais da maioria”, mesmo chocando “um pouco a razão”, Régio defendia “a afirmação sincera e original dum temperamento à parte [...] a livre afirmação dum corpo e duma alma”; e afirmava significativamente a sua opinião sobre o autor: “Raul Leal é a síntese dum corpo miserável e duma grande alma: O que tudo faz uma figura sinistra e chocante, mas poderosa e originalíssima”. De resto, Régio considerava justamente que Leal “já mais ou menos tem afirmado na Presença o que afirma agora, com mais crueza, na Virgem-Besta” (SIMÕES, 1977: 235-236). Sendo as razões que levavam a redação da *Presença* a negar a publicação do artigo sugeridas por considerações de conveniência e oportunidade, Régio julgava a decisão um sinal de decadência da revista em relação às ideias que defendera desde o início. Na opinião do autor do manifesto *Literatura livresca e literatura viva*, a recusa de “A Virgem-Besta” marcava “uma atitude contrária à Presença – quando esse artigo não é publicado sem ser por motivos de ordem estética”, escrevia a Simões a 29 de janeiro. Na mesma carta, Régio fechava o assunto e assumia a responsabilidade de comunicar a decisão contrária a Raul Leal: “Perante as vossas razões, ou antes: perante a vossa não concordância – eu não tenho mais do que ceder. Hoje mesmo escreverei ao Raul Leal” (SIMÕES, 1977: 238-239). Se o fez mesmo nesse dia, Régio terá esperado durante mais de um mês a reação do autor de “A Virgem-Besta” à comunicação da decisão da revista.¹¹

Na carta de março de 1929, Raul Leal afirma: “Por Deus lhe peço que nem mais um momento se preocupe com o caso do meu artigo. Compreendo muito bem a vossa atitude e tanto que, ensinado pela vida, vou já tomando atitudes semelhantes”. Essa vida que, já no primeiro parágrafo da carta, Leal descreve como um “iterno tormento” que provoca um constante “estado de depressão e abatimento”, que encontra expressão poética nos seus salmos, através dos quais Régio poderia avaliar “todos os horrores que sofro [...] toda a tragédia do meu espírito e da minha vida”. De facto, o núcleo central desta carta é constituído por considerações pessoais em que um balanço triste da própria existência se mistura com a afirmação da atitude que seria necessário tomar para poder atingir os altos objetivos que Leal ainda colocava acima de tudo. Ensinado por mais uma experiência negativa – a recusa da publicação do seu artigo “excessivo” – o autor de “A Virgem-Besta” fala da importância de “saber organizar convenientemente a sua independencia”, porque “Doutro modo, em vez de triunfador será um falhado”. Leal considera-se “transitoriamente um vencido” por não ter sabido

¹¹ Finalmente, o artigo “A Virgem-Besta” seria publicado no n.º 31-32 da *Presença* (março-junho de 1931). A saída da direção da revista, em 1930, de António José Branquinho da Fonseca e de mais dois dissidentes, Edmundo de Bettencourt e Adolfo Rocha (Miguel Torga), terá deixado cair uma parte decisiva da oposição à publicação do texto lealino. A linha mantida por José Régio pôde assim afirmar-se e “A Virgem-Besta” vir a público nas páginas da folha coimbrã.

orientar a sua independência, por ter dado azo a demasiados atos de impulsividade, de que a proposta de publicação de “A Virgem-Besta” é mais um exemplo de que se arrepende, já que considera que “Mesmo a mim, neste momento, não convinha esta publicação”. E acrescenta: “Tive, ha alguns anos, todos os trunfos nas mãos e deixei-os imbecilmente perder!”, citando, a seguir, o seu poema “Le Prophète Sacré de la Mort-Dieu” para comparar a sua situação com a da Queda de Adão. Para poder realizar uma grande Obra – confessa a Régio – “temos, antes de mais nada, que ser uns bons estratégicos”; menciona a necessidade de ter “manha e cautela, sem o que está tudo perdido e os nossos altos Ideaes desfar-se-hão como pó luminoso disperso na Imensidade”, porque “Quem tem uma grande Missão a realizar, deve adquirir por vezes a rasteira habilidade dos políticos para que o Seu alto Fim se cumpra”. E propõe-se ficar algum tempo em silêncio, esquecer temporariamente o seu espírito de rebeldia, para forjar as suas “melhores armas, que são algumas das minhas obras”. Como uma fera que quer assaltar a sua presa, Leal dispõe-se a ocultar-se “nas selvas para na ocasião própria dar o salto terrível e fincar bem as minhas garras de tigre na carne podre dessa sociedade de merda”.

Outra palavra-chave repetida nesta carta é “sacrifício”, que aliás ocorre duas vezes na mesma frase: “ao nosso Ideal devemos sacrificar o nosso próprio espírito aventureiro e de independencia quando Ele exigir esse tamanho sacrificio”. Essa carta assim condensa a imagem de um homem não só incompreendido – celebrada no homónimo drama autobiográfico na figura do protagonista, Jorge Vilar – como também auto-condenado ao sacrifício perante a importância capital da sua Obra, da sua Missão e do seu Ideal. Um homem rebelde que se colocou fora das normas e das convencões sociais e morais, que protagonizou lutas quixotescas contra os poderes, que abdicou dos aspetos materiais de uma vida burguesa e enfrentou sofrimentos físicos e psicológicos para poder afirmar livremente o seu Espírito. No primeiro capítulo, intitulado “Na Glória de Deus”, do seu livro em preparação *Fernando Pessoa, Precursor do Quinto Império*, publicado no n.º 48 da *Presença* (julho de 1936), Raul Leal orgulhar-se-ia desta sua disposição para o martírio terreno: se ao seu grande Amigo, recém-falecido, e não a ele, o Profeta Henoch, cabia a tarefa de “cumprir essa Missão altíssima através da Morte” (a de governar os homens do Além), ele deveria “realizar em absoluto o seu sonho puríssimo de Vertigem Divina por entre sórdidos suplícios que a vida terrestre, hoje feita de lama, continuamente impõe aos Grandes Realizadores”. Ele que, nas mais difíceis situações, demonstrara uma força sobrenatural que lhe permitira “triunfar gloriosamente no martírio estupendo que como eleito de Deus eu tinha e terei ainda que suportar”.

Voltando às cartas trocadas com José Régio em março de 1929, encontramos nelas referências a outras colaborações dos dois autores. Na carta do diretor da *Presença* há o pedido de um artigo sobre cinema, “para um número especial que ao

cinema vamos dedicar”. No *Post Scriptum* à sua carta – que se cruzou com esta de Régio – Raul Leal escreve: “Ia mandar esta carta para o correio quando recebi uma outra sua, mostrando desejo de que eu lhe mandasse um artigo sobre o cinema. Muito brevemente lh’o enviarei”. Contudo, não constam colaborações lealinas sobre este tema. A iniciativa foi também comunicada a Fernando Pessoa sob a forma de um inquérito, a que o poeta dos heterónimos respondia, a 14 de março de 1929: “Não sei se serei eu, se o Alvaro de Campos, se ambos, quem terá opiniões sobre o cinema. Alguma receberá – pode contar com isso”¹². Com efeito, a “Folha de Arte e Crítica” acabou por não publicar um número especial dedicado à sétima arte, embora mantivesse durante algum tempo uma coluna, redigida por José Régio, intitulada “Legendas Cinematográficas”. Na sua carta, Raul Leal também acusa a receção do último número da *Presença*, em que aparece a mencionada tábuia bibliográfica a ele dedicada, que é do seu gosto, e propõe mais “um psalmo que me parece inofensivo”, o terceiro dos “Psaumes” publicados pela revista coimbrã, que de facto aparecerá no n.º 19 (fevereiro-março de 1929). Finalmente, regista-se o agradecimento que Leal faz a propósito de uma colaboração enviada por Régio para a *Revista da Solução Editora*, dirigida por José Pacheco, cuja publicação no terceiro número fora garantida por Mário Saa. Efetivamente, não constam colaborações regionas no n.º 3 mas duas aparecem no n.º 4 dessa revista: o artigo de crítica intitulado “Arrabalde de João Cabral do Nascimento” e a crónica “O Amigo Difícil” (cf. NOVAIS, 2002: 324). Contudo, fica a informação de que, de alguma maneira, Raul Leal – mesmo não “tendo nada com essa empresa” – terá funcionado como elo de ligação entre Régio e a revista.

A correspondência privada, mesmo tendo carácter contingente e finalidades práticas, deixa transparecer algumas marcas do estilo pessoal do seu autor. Embora, nas suas cartas, Raul Leal não utilize a mesma linguagem obscura com que manifesta a complexidade do seu pensamento nos seus artigos e ensaios, encontramos contudo acentos de expressividade literária em frases como “olhando para o meu passado noturno, encontro um contraste desolador”, “era uma luz rastejante que ainda não podia triunfar nos Céus”, “Sentia por vezes rasgos de genio que porém depressa se desfaziam no eter das minhas emoções”. Um traço peculiar do estilo lealino, que se verifica nesta correspondência, é a maiusculização das iniciais de palavras-chave – como “Nada”, “Eu”, “Céus”, “Infinito”, “Ideal”, “Imensidade”, “Missão”, “Fim” – para sugerir o seu sentido transcendente. Também encontramos irregularidades grafémicas tipicamente lealinas ao nível da acentuação – aliás, geralmente irregular nos manuscritos dessa época – assim como uma ortografia arcaizante ou simplesmente pessoal de palavras como “poude”,

¹² Pessoa acabaria por não enviar nenhuma opinião sobre cinema, comunicando ao próprio Régio, dois meses depois, a 16 de maio: “Ao inquerito sobre o cinema não responderei. Não sei o que penso do cinema. Aliás, prefiro não responder a inqueritos” (PESSOA, 1998: 77-78). Sobre o interesse de Fernando Pessoa pelo cinema cf. PESSOA (2011).

“depredado”, “remudelações”, “iterno”, “rialisar”, em que, como se vê, o desvio da norma afeta principalmente as vogais átonas das palavras.

Quanto a José Régio, regista-se na carta para Raul Leal – assim como na epístola para Branquinho da Fonseca – uma característica que é comum a muitos manuscritos regianos e que se encontra também na correspondência para destinatários em relação aos quais Régio sente um certo grau de afinidade, se não mesmo de intimidade: a ilustração da página com desenhos que são reveladores da sua particular sensibilidade artística e mesmo da sua predileção por uma expressão “caleidoscópica”, ou seja, por uma comunicação total que procura a transmissão de uma emoção estética que envolve palavras e imagens.

Na carta a Raul Leal, Régio traçou uma figura de homem semi-deitado, de cabelo comprido, nu, que pode lembrar a um Cristo deposto, motivo tão típico na iconografia regiana, tendo em conta a sua ampla coleção de crucifixos e, mais em geral, de obras de arte de motivo religioso. A presença desta figura de homem inerte, de cabeça reclinada, talvez beatamente adormecido ou, mais provavelmente, abandonado ao seu próprio sacrifício, poderá relacionar-se com a imagem que Régio eventualmente teria de Raul Leal. Admite-se contudo, que esta seja apenas uma interpretação pessoal, falha de qualquer elemento de provação.

Mais ricamente decorada é a carta a Branquinho da Fonseca em que, no verso das duas folhas em que é escrita, aparecem dois desenhos representantes figuras de jovens de ambos os sexos, cujos rostos têm olhos grandes e fortemente expressivos, traços típicos da produção iconográfica regiana. Ao lado das figuras humanas aparecem elementos vegetais de grandes dimensões. No segundo desenho, o rosto em primeiro plano, sereno em aparência, é sobreposto à figura inteira de uma mulher que corre, como fugindo assustada, de olhos semi-fechados.

As restantes duas cartas de José Régio presentes na coleção

A carta que José Régio enviou para o também diretor e fundador da *Presença*, António José Branquinho da Fonseca, a 25 de julho de 1927, foca sobretudo aspetos práticos ligados à vida da revista e à sua gestão. Régio acusa a receção do último número da folha, recomenda o seu envio a leitores possivelmente interessados e pede a Branquinho o envio de uma coleção em boas condições. Também menciona algumas colaborações recebidas para serem publicadas: além da de Raul Leal – pela data, deve tratar-se do artigo “A criação do futuro. A organização bolchevista pelo fascismo através da acção norte-americana e sob o regimen duma monarquia libertária”, publicado no n.º 8 (dezembro de 1927) – o escritor vilacondense diz ter recebido colaboração de Mário Saa¹³ através de António de Navarro, que é também

¹³ Posteriores a esta carta, registam-se duas colaborações de Mário Saa aparecidas no mesmo n.º 7 da *Presença* (8 de novembro de 1927): trata-se do artigo “Redução de Deus” e do poema “Quadrado da minha vida”.

citado por Raul Leal, na carta de dezembro de 1927, como seu grande amigo dentro do núcleo da *Presença*: isto coloca Navarro como provável intermediador das primeiras colaborações lealinas recebidas por Régio.

A única consideração de caráter mais pessoal contida nesta carta diz respeito ao descontentamento expresso por Régio acerca do isolamento intelectual em que se encontra em Vila do Conde, onde diz viver, “a respeito de convivência, como Robinson [Crusoe]. Com a agravante de não ser favorecido como ele, pela ausência completa dos meus semelhantes cuja semelhança me não lisongeia”. Só a companhia do amigo António¹⁴, a natureza, o apego à sua terra, e a certos costumes simples dos locais – “o ar dos pinheiros, as barretadas dos indígenas e a própria poeira das estradas” – consolam o poeta e sanificam os seus nervos “tão escalavrados”. Também bastante curiosa é a referência irónica que Régio faz, depois de ter comunicado várias recomendações e exigências ao seu interlocutor, acerca do eventual interesse que Branquinho da Fonseca teria pelos carros da marca espanhola Hispano-Suiza: “O Hispano-Suiza que me perdôe a concorrência que procuro fazer-lhe na tua atenção”.

Finalmente, para concluir esta apresentação dos documentos contidos nesta secção “regiana” da coleção de Fernando Távora, resta referir a carta enviada para Joaquim Moreira, então administrador da *Presença*, a 22 de novembro de 1935. Trata-se de uma breve e anódina missiva em que Régio comunica os nomes de três novos assinantes da revista, para os quais pede que Moreira envie, o mais depressa possível, o último número.

¹⁴ Quanto à identidade do António citado por José Régio, agradecemos a opinião de Isabel Cadete Novais, diretora do Centro de Estudos Regionais, que levanta a seguinte hipótese: “Embora estivesse a passar as férias de verão em Vila do Conde, as referências de Régio aos pinheiros, à poeira e ao ‘Robinson’ (como metáfora de isolamento, sobretudo civilizacional) e ainda particularmente a referência ao António faz pensar nos períodos de férias que José Régio costumava passar com o irmão Júlio e o primo António em Baltar (aldeia entre Vila Nova de Famalicão e Póvoa de Varzim), onde os avós paternos tinham uma casa. Neste caso, o referido António seria o primo António Sousa Pereira com quem passava férias nessa aldeia, desde crianças”.

Rascunho de carta de Raul Leal a José Régio [dezembro de 1927] ¹⁵
(Coleção Fernando Távora)¹⁶

Meu querido José Régio

Deixe¹⁷-me tratá-lo assim apesar dos meus olhos o não conhecerem e visto que o meu espirito sente profundamente o seu.¹⁸ Como deve calcular¹⁹ – pois o José Régio sabe com certeza o que vale e o que valem os seus colaboradores²⁰ – o seu jornal-revista *Presença* tem-me interessado vivamente. Por isso lhe peço que me envie os tres primeiros numeros e o sexto que não possúo ainda,²¹ para ir tendo assim a coleção completa duma publicação que, sem duvida, ha de marcar na historia da nossa literatura.

E que prazer espiritual, do mesmo modo que desgosto, me causa a sua *Presença*! Prazer porque vejo nitidamente que as novas gerações brilharão no Ceu de Portugal e do Mundo como chamas redentoras, erguidas exaltadamente a Deus.²² Desgosto porque olhando para o meu passado noturno,²³ encontro um²⁴ contraste desolador...

Na minha geração coimbrã não havia *Nada*, na aceção absoluta, metafisica da palavra: *Nada a não ser Eu!*²⁵ Em Lisboa iam surgindo, nos meus tempos²⁶ de

¹⁵ Rascunho de carta escrito a tinta preta no rosto e no verso de duas folhas: a primeira é uma folha de papel pautado de cor parda; a segunda é uma folha de papel comercial quadriculado de cor amarelada. A passagem a limpo deste rascunho – ou seja, a carta que Raul Leal enviou a José Régio – é conservada no espólio deste escritor, presente no Centro de Memória de Vila do Conde: foi escrita a tinta preta em ambas as faces de duas folhas de papel quadriculado e não apresenta variantes em relação ao texto do rascunho, à exceção da presença da data, da assinatura e de um *Post Scriptum*.

¹⁶ Conforme dito, a carta enviada mostra a data “Dezembro de 1927”, escrita no canto superior esquerdo da página, na diagonal ascendente, com um traço diagonal por baixo.

¹⁷ Riscado o “s” final de “Deixe” que indicaria tratamento informal na segunda pessoa, provável lapso.

¹⁸ Depois do ponto, riscado um “A” maiúsculo.

¹⁹ Depois de “calcular”, riscada uma vírgula, o artigo “o” e a letra “J”, provável inicial do nome José; acrescentado na entrelinha superior, acima do artigo riscado, o travessão.

²⁰ Riscada uma vírgula depois de “colaboradores” e substituída pelo travessão, acrescentado acima dela.

²¹ “ainda”, acrescentado na entrelinha superior com um sinal de inserção.

²² O ponto foi provavelmente acrescentado posteriormente; ao lado dele aparece riscado um ponto e vírgula. O “D” inicial de “Desgosto” sobreposto a um “d” minúsculo.

²³ “noturno”, acrescentado na entrelinha superior e acompanhado por um sinal de inserção. Ao lado da vírgula aparece riscado um provável “s”.

²⁴ A inicial de “um” sobreposta a outra letra de difícil leitura, provavelmente um “c”, antecipação da palavra “contraste”.

²⁵ Na carta enviada a José Régio, quer a anterior menção da palavra “Nada”, quer a expressão “Nada a não ser Eu” aparecem sublinhadas três vezes.

estudante,²⁷ raros espíritos de elite, irmãos do meu que porém só tarde os podes conhecer.²⁸ Em Coimbra mais não havia do que²⁹ mediocres e parvos! D'ahi a grande decadência política e social em que vivemos, sendo certo que a vida do paiz está em grande parte nas mãos da³⁰ minha geração coimbrã.

Eu mesmo, nesse tempo, não possuindo em volta de mim um ambiente propício ao desenvolvimento do meu espírito, era uma luz rastejante que ainda não podia triunfar nos Céus. Sentia por vezes rasgos de génio que porém depressa se desfaziam no éter das minhas emoções. E era tão mesquinho, tão pouco intelectual e artístico o meio em que eu vivia³¹ apesar de ter estado na casa do Lenin Martins, espírito³² interessantíssimo³³ que, no fundo,³⁴ pouco se mostrava por não ligar nenhuma aos rapazes da minha geração, era enfim tão mediocre, mesmo tão inferior tudo que me cercava que tendo tamanho amor á vida tumultuosa³⁵ das cidades, preferia isolar-me nos campos, não querendo sequer sentir o bulício da vida académica a que não sabia adaptar-me, e preferindo mesmo na devassidão e no vinho viver sózinho sem companheiros de vício.³⁶

Foi, sem dúvida, por me sentir assim mentalmente³⁷ depremido no ambiente que jámais³⁸ poderia desenvolver as minhas faculdades que³⁹ estavam destinadas a

²⁶ “nos meus tempos” acrescentado na entrelinha superior em substituição de “nessa década”, riscado.

²⁷ “de estudante”, acrescentado na entrelinha superior e acompanhado por sinal de inserção.

²⁸ O ponto é acrescentado posteriormente; depois de “conhecer” aparece riscado: “apesar de aqui eu ter nascido. E não havendo em volta de mim”. Acima de “E não havendo” aparece, também riscado: “E mesmo d”.

²⁹ “Em Coimbra mais não havia” escrito na entrelinha superior, acima de “em volta de mim” (cf. a nota anterior); dentro deste acréscimo, “mais não” aparece escrito acima de “só”, riscado; “do que” escrito na entrelinha superior da linha seguinte, acompanhado por um sinal de inserção.

³⁰ A inicial de “da” é sobreposta a um “n”, provável lapso.

³¹ “eu” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por um sinal de inserção. Depois de “vivía” o autor riscou uma vírgula.

³² A inicial de “espírito” sobreposta a um “q” riscado.

³³ A desinência do grau superlativo absoluto “íssimo” aparece acrescentada posteriormente; o “i” inicial de dita desinência é sobreposto a um “e” final de “interessante”, primeira versão do adjetivo.

³⁴ À parte o “f” inicial, a palavra “fundo” aparece sobreposta a “fim”.

³⁵ “era enfim tão mediocre, mesmo tão inferior tudo que me cercava” acrescentado na entrelinha superior e acompanhado por um sinal de inserção; dentro do acréscimo, depois de “mediocre,” aparece riscado “tão”, substituído por “mesmo tão”, escrito a seguir; “que tendo” escrito sempre na entrelinha superior, porém mais abaixo, por falta de espaço na linha, acima de “eu que”, riscado, escrito anteriormente na linha; depois de “amor” o autor riscou “tenho”. Portanto, a versão original deste trecho era: “por não ligar nenhuma aos rapazes da minha geração, eu que tamanho amor tenho à vida”. Depois de “vida” aparece riscado “da”; também foi riscado o “s” final de “tumultuosas”.

³⁶ O ponto final foi sobreposto a uma anterior vírgula; a seguir, aparece riscado: “a não ser”.

³⁷ “mentalmente” acrescentado na entrelinha superior e acompanhado por um sinal de inserção.

³⁸ A primeira sílaba “já” acrescentada posteriormente.

desenvolver-se só por si, foi por esse motivo que apenas aos 24 anos, e depois de formado, consegui fazer uma verdadeira⁴⁰ obra de génio, o⁴¹ drama metafísico,⁴² *O Incompreendido*. Antes⁴³ só produzi⁴⁴ esboços filosóficos e críticos⁴⁵ que perdi quase totalmente na revolução de fevereiro, por ocasião do assalto ao *Correio da Noite* onde esses manuscritos se encontravam. E se desse drama ficam quase intactos o primeiro e terceiro atos, o mesmo não posso dizer do segundo que tendo sofrido posteriormente grandes remodelações, muitas mais sofrerá ainda.

Mas mudemos de assunto. Envio-lhe um psalmo em francez, feito ultimamente,⁴⁶ e que julgo ser uma verdadeira prece paracletiana para que o José Régio o publique quando quizer. E aproveito a ocasião para lhe agradecer todas as suas gentilezas.

Como⁴⁷ infelizmente tenho sido forçado, por razões pouco poéticas e ainda menos metafísicas, a trabalhar em jornaes, sei bem o quanto é difícil contentar a todos, por muita consideração que haja pelos colaboradores. D'ahi o sermos muitas vezes forçados a demorar a publicação de artigos, versos, seja o que fôr, e que desejariamos fosse rápida, pronta. Portanto não se preocupe com a demora que possa haver no aparecimento da minha colaboração. Eu sei bem dar valor às dificuldades em⁴⁸ que se vê⁴⁹ um diretor de jornal ou revista. Uma⁵⁰ publicação periodica é evidentemente limitada na *forma* não podendo conter tudo ao mesmo tempo⁵¹. Só na *essencia* contem muitas vezes o Infinito. É⁵² o que se dá com as nossas obras!⁵³

³⁹ Depois de “faculdades que” riscado “só por si”; logo a seguir, o autor escreveu e posteriormente riscou: “se fazem”; na entrelinha superior acrescentou “estavam” e continuou a escrever na linha.

⁴⁰ Riscado um “s” final de “verdadeira” escrito provavelmente por lapso.

⁴¹ O artigo “o” escrito na entrelinha superior, acima de “um”, riscado.

⁴² Antes do título do drama, o autor acrescentou na entrelinha superior, acompanhado por um sinal de inserção, “intitulado”, posteriormente riscado.

⁴³ Riscada uma vírgula depois de “Antes”.

⁴⁴ “produzi” escrito na entrelinha superior, acima de “escrevi”, riscado.

⁴⁵ “e críticos” acrescentado na entrelinha superior e acompanhado por um sinal de inserção.

⁴⁶ “feito ultimamente,” acrescentado na entrelinha superior.

⁴⁷ Antes de “Como”, riscado, “Infe”, provável antecipação do advérbio escrito a seguir.

⁴⁸ “em” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por um sinal de inserção.

⁴⁹ “se vê” escrito na entrelinha superior, acima de “passou”, riscado.

⁵⁰ Um “S” maiúsculo aparece riscado antes de “Uma”.

⁵¹ “ao mesmo tempo” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por um sinal de inserção, riscado, que o colocaria entre “conter” e “tudo”; posteriormente, o autor traçou novo sinal de inserção no fim da frase.

⁵² Antes de “É” aparece um “E” maiúsculo, riscado.

⁵³ Depois de “as nossas obras!” há um trecho bastante longo, riscado pelo autor, que a seguir se transcreve utilizando alguns símbolos para indicar as intervenções autorais dentro desta porção textual, posteriormente eliminada: <[↑] lição riscada e acrescento na entrelinha superior; * leitura conjecturada. Transcrição: “E como o José Régio <decerto se [↑ *como,]> conhece bem, não vae[,] [↑ sem duvida,] supor que eu não sou sincero quando me refiro a si deste modo. Aliás eu sou demasiadamente melancolico para ser “blagueur”. <Tenho> [↑A mais] <sin> profunda estima e

Queira, meu querido José Régio, aceitar um abraço muito apertado
Do seu confrade, sincero admirador⁵⁴

consideração intelectual tenho por si e por todos que o rodeiam, <al> <na Presença,> alguns dos quaes, como o Antonio Navarro e o Mario Coutinho, são grandes amigos meus”. O início deste parágrafo riscado, “E como o José Régio”, que vinha na continuação da linha, foi riscado por um traço horizontal grosso. As restantes linhas do trecho eliminado foram riscadas por traços diagonais cruzados.

⁵⁴ Na carta enviada a José Régio, aparece a assinatura “Raul Leal”, seguida pelo endereço do remetente: “S/C Rua das Salgadeiras, 36, 3.º D. | Lisboa”. Debaixo do endereço, o autor da carta acrescentou o seguinte *Post Scriptum*: “P.S. – Como não sei se já leu um manifesto que lancei ha anos, a proposito duma exposição de pintura, no qual expuz sinteticamente o paracletianismo (religião do Espirito Santo ou Divino Paracleto), envio-lhe alguns exemplares, para si e para os nossos amigos da Presença. Esse manifesto esclarece certos pontos obscuros da minha ultima colaboração. Desejaria oferecer-lhes as poucas obras que tenho publicado, mas não conservo delas nenhum exemplar. Logo que apareça com nova obra, é claro, lembrar-me-hei de vocês todos. Peço-lhe que me diga se recebeu, ha tempos, os sete numeros que publiquei do meu panfleto O Rebelde. Caso os não tenha recebido, mandar-lh’os-hei outra vez. | R. Leal”.

Meu querido José Régio

Deixes-me tratá-lo assim apesar dos meus olhos o não conhecerem e visto que o meu espírito sente profundamente o seu. ~~o~~ bomso deve calcular, pois o José Régio sabe com certeza o que vale e o que vale os seus colaboradores - o seu jornal - a revista Presença tem-me interessado vivamente. Por isso lhe peço que me envie os três primeiros números e o sexto que não possuo ^{ainda} para ir tendo assim a colocação completa de uma publicação que, sem dúvida, ha de marcar na história da nossa literatura.

É que prazer espiritual, do mesmo modo que desgosto, me causa a sua Presença! Prazer porque vejo nitidamente que as novas gerações brilharão no berço de Portugal e do mundo como

Fig. 1a. Rascunho de carta de Raul Leal a José Régio [dezembro de 1927]; rosto da primeira folha.

chamadas redentoras, erguidas exalta-
mente a Deus. Desgosto por que olhando
para o meu passado encontrei ^{no futuro} m^{uitos} contras-
te desolador...
e a minha geração coimbrã não ha-
via, na acção absoluta, metafísica
da palavra: clada a não ser em
lista de ^{estudante} ~~irmãos~~ ^{nao meus irmãos} ~~surgindo~~ ^{nessa época}
~~raros~~ espíritos de elite, irmãos
do meu que porém se tarde os pou-
de conhecer apesar de aqui ~~em~~ ^{na} ~~ter~~ ^{muito}
~~de~~. E ~~nao havia~~ ^{e me boia} ~~em volta~~ ^{mais nada} ~~de~~ ^{avia}
~~mediocres e parvos!~~ Dahi a grande
decaência politica e social em
que vivemos, sendo certo que a vida
do país está em grande parte nas
mãos da minha geração coimbrã.
Em mesmo, nesse tempo, não pos-
suindo em volta de mim um am-
biente propício ao desenvolvimento do
meu espirito, era uma luz rastante
que ainda não podia transjar nos céus.
Sentia por vezes rasgos de genio que poriam
depressa se desfaziam no eter das minhas
emoções. Era tão mesquinha, tão pouco
intellectual e artistica o meio em que ^{vivia}
apesar de ter estado na casa do Sr.
Martins, ~~espírito~~ ^{intressantissimo} que, no fundo,

Fig. 1b. Rascunho de carta de Raul Leal a José Régio [dezembro de 1927]; verso da primeira folha.

pouco se mostrava por ~~seu~~ ^{era então tão mediano,} ~~seu~~ ^{mesmo} ~~ligar~~ ^{superior} nenhuma ao
 rapaz da ^{era então} ~~minha~~ ^{minha} geração, ~~que~~ ^{que} tamanho amor
 tinha à vida ~~tumultuosa~~ ^{tumultuosa} das cidades, preferia
 isolar-me nos campos, não querendo sequer
 sentir o bulício da vida académica a que não
 sabia adaptar-me, e preferindo mesmo na deves
 sítio e no vinho viver sozinho sem compa
 nheiros de vício, ~~a não ser~~
 Foi, sem dúvida, por me sentir assim ^{mesmamente} deprimido
 no ambiente que ~~jamais~~ ^{jamais} poderia desenvolver as minhas
 faculdades que ~~so' por si~~ ^{estavam destinadas a des}
 volver-se só por si, foi por esse motivo que ~~após~~
 aos 24 anos, e depois de formado, consegui fazer
 uma verdadeira obra de génio, o drama me
 tafísico, ~~o incompreendido~~ ^{o incompreendido}. ~~antes~~ ^{antes} so' ~~seu~~ ^{prodigi} esboço
 filosófico ^{crítico} que perdi ~~quasi~~ ^{quasi} totalmente na revolu
 ção de fevereiro, por ocasião do assalto ao
 barão da ~~cidade~~ ^{cidade} onde esses manuscritos se
 encontravam. E se desse drama ficam quasi
 intactos o primeiro e terceiro actos, o mesmo
 não posso dizer do segundo que tudo sofreu
 posteriormente grandes remodelações, muito
 mais sofrerá ainda.
 Estas mudanças de assunto. Envio-lhe um psalmo
 em francez, ^{último} ~~que~~ ^{que} julgo ser uma verdadeira prec
 parachiana, para que o José Régio o publique quan

Fig. 1c. Rascunho de carta de Raul Leal a José Régio
[dezembro de 1927]; rosto da segunda folha.

quizer. E aproveito a oportunidade para lhe agradecer toda
as suas gentilezas.

~~Infelizmente~~ como infelizmente tenho sido forçado, por
razões pouco poéticas e ainda menos meta-
físicas, a trabalhar em jornais, sei bem
o quanto é difícil contentar a todos, por mu-
ta consideração que haja pelos colaboradores. E ali
o sermos muitas vezes forçados a demorar a
publicação de artigos, versos, seja o que for, e
que desejariamos fosse rápida, pronta. Portanto
não se preocupe com a demora que possa
haver no aparecimento da minha colaboração.
Sei bem dar o valor às dificuldades <sup>que se re-
se-
se-
se-</sup> que possam
um Director de jornal ou revista. Uma publi-
cação periodica é evidentemente limitada na forma
não podendo conter ^{de momento} ~~o~~ tudo. E na essencia contém
muitas vezes o infinito. E é o que se dá com
as nossas obras! ~~E não se pode negar, não se~~
~~conhece bem, não vale a pena~~ ^{sem razão} ~~que eu não sou sin-~~
~~cro quando me refiro a si deste modo. E aliás eu~~
~~soy demasiadamente melancolico para ser "blagueur"~~
~~mas não sou profunda esteta e consideração in-~~
~~tellectual tenho por si e por todos que o~~ ~~re-~~
~~at na Prussia~~ ~~alguns dos quais, como o~~ ~~chutano~~
~~chaparro e o Maxio Coutinho, são grandes amigos~~
~~meus.~~
E agora, meu querido José Régio, accito um abraço
muito apertado de seu contempo, sincero admirador

Fig. 1d. Rascunho de carta de Raul Leal a José Régio [dezembro de 1927]; verso da segunda folha.

Dezembro
 1929

Meu querido José Régio

Deixa-me tratá-lo assim apesar dos meus olhos o não conhecerem e visto que o meu espírito sente profundamente o seu. Como deve calcular — pois o José Régio sabe com certeza o que vale e o que valem os seus colaboradores — o seu jornal-revista Presença tem-me interessado vivamente. Por isso lhe peço que me envie os três primeiros números e o sexto que não posso ainda, para ir tendo assim a cópia completa duma publicação que, sem dúvida, há de marcar na história da nossa literatura.

É que prazer espiritual, do mesmo modo que desgosto, me causa a sua Presença! Prazer por que vejo nitidamente que as novas gerações brilham no céu de Portugal e do mundo como estrelas redentoras, erigidas realtadamente a Deus. Desgosto porque olhando para o meu passado noturno, encontro um contraste desolador...

Esta minha geração coimbrã não havia criada, na acção absoluta, metafísica da palavra: criada a não ser eu! Em Lisboa iam surgindo, nos meus tempos de estudante, raros espíritos de elite, irmãos do meu, que porém só tarde os pude

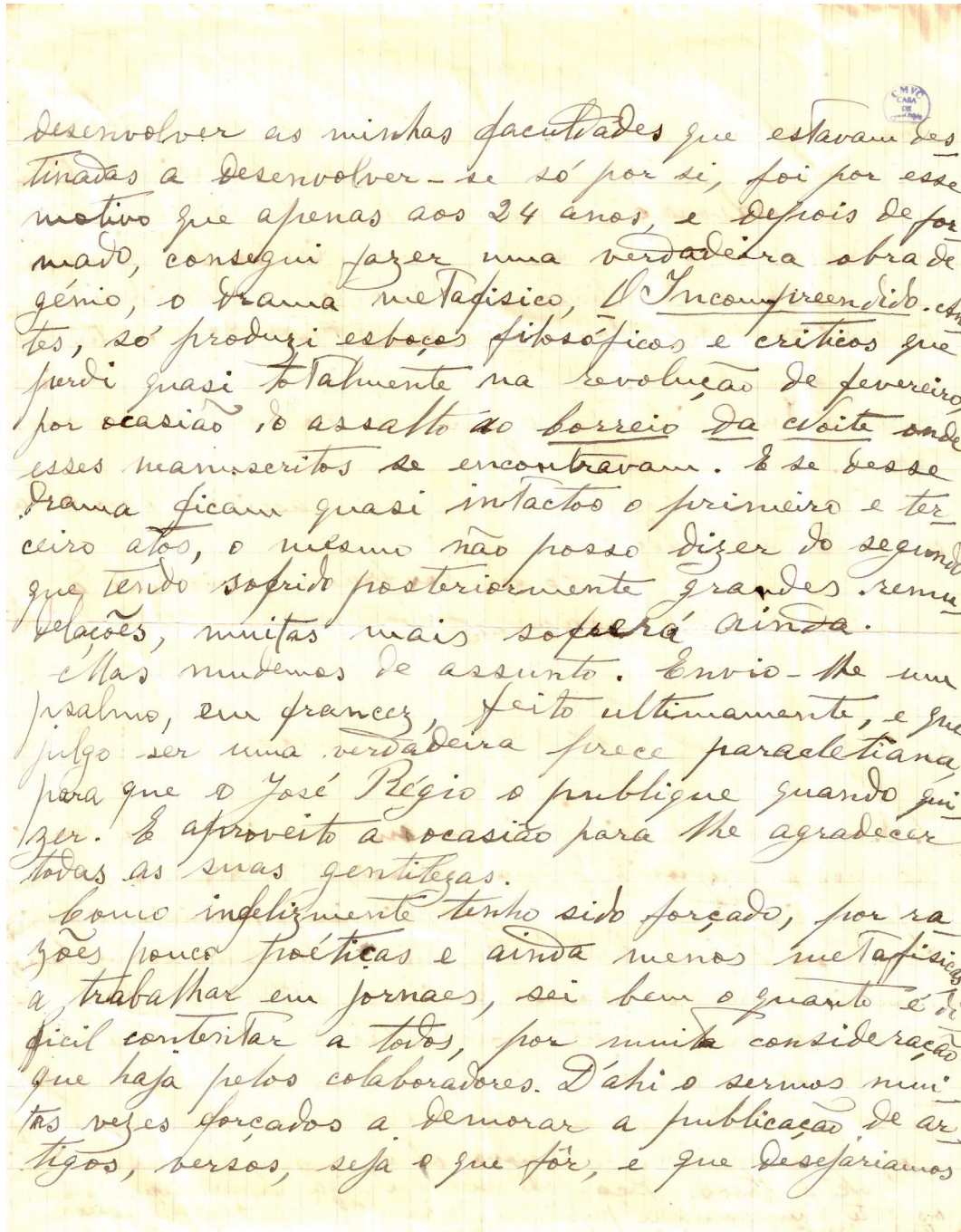
Fig. 2a. Carta de Raul Leal a José Régio
 [dezembro de 1929]; rosto da primeira folha.

conhecer. Em Coimbra mais não havia do que me-
diocres e parvos! D'ahi a grande decadência políti-
tica e social em que vivemos, sendo certo que a
vida do país está em grande parte nas mãos da
minha geração coimbrã.

Eu mesmo, nesse tempo, não possuindo em vol-
ta de mim um ambiente propício ao desenvolvi-
mento do meu espirito, era uma luz rastante que
ainda não podia triunfar nos céus. Sentia
por vezes rasgos de genio que porém depressa
se desgaziam no eter das minhas emoções. E
era tão meaquinho, tão pouco intelectual e artis-
tico o meio em que eu vivia apesar de ter
estado na casa do Ezequiel Martins, espirito in-
teressantissimo que, no fundo, pouco se mos-
trava por não ligar nenhuma aos rapazes
da minha geração, era enfim tão mediocre,
mesmo tão inferior tudo que me cercava, que
tendo tamanho amor á vida tumultuosa das
cidades, preferia isolar-me nos campos, não
querendo sequer sentir o bulicio da vida aca-
démica a que não sabia adaptar-me, e pre-
ferindo mesmo na devassidão e no vinho vi-
ver sózinho sem companheiros de vicio.

Foi, sem duvida, por me sentir assim mental-
mente deprimido no ambiente que já mais poderia

Fig. 2b. Carta de Raul Leal a José Régio
[dezembro de 1929]; verso da primeira folha.



desenvolver as minhas faculdades que estavam des-
tinadas a desenvolver-se só por si, foi por esse
motivo que apenas aos 24 anos, e depois de for-
mado, consegui fazer uma verdadeira obra de
gênio, o drama metafísico, O Incompreendido. cha-
tes, só produzi esboços filosóficos e críticos que
perdi quasi totalmente na revolução de fevereiro
por ocasião do assalto ao barreiro da noite onde
esses manuscritos se encontravam. E se desse
drama ficaram quasi intactos o primeiro e ter-
ceiro atos, o mesmo não posso dizer do segundo
que tendo sofrido posteriormente grandes remu-
nelações, muitas mais sofrerá ainda.
e has mudemos de assunto. Envio-lhe um
psalmo, em francez, feito ultimamente, e que
julgo ser uma verdadeira prece paraclética
para que o José Régio o publique quando qui-
zer. E aproveito a ocasião para lhe agradecer
todas as suas gentilezas.
Como infelizmente tenho sido forçado, por ra-
zões pouco práticas e ainda menos metafísicas,
a trabalhar em formas, sei bem o quanto é di-
ficil contertar a todos, por muita consideração
que haja pelos colaboradores. Dáhi o sermos mui-
tas vezes forçados a demorar a publicação de ar-
tigos, versos, seja o que for, e que desejariamos

Fig. 2c. Carta de Raul Leal a José Régio
[dezembro de 1929]; rosto da segunda folha.

fosse rápida, pronta. Portanto não se preocupe com a demora que possa haver no aparecimento da minha colaboração. Eu sei bem o valor das dificuldades em que se vê um diretor de jornal ou revista. Uma publicação periódica é evidentemente limitada na forma, não podendo conter tudo ao mesmo tempo. Só na essência contém muitas vezes o Infinito. É o que se vê com as nossas obras!

Leveira, meu querido José Régio, aceitar um abraço muito apertado

Do seu confrade, sincero admirador

Raul Leal

S/6 Rua das Salgadeiras, 36, 3.º D. Lisboa

P.S. — Como não sei se já leu um manifesto que lancei há anos, a propósito duma exposição de pintura, no qual copiei sinteticamente o paracletianismo (religião do Espírito Santo ou Divino Paraclete), envio-lhe alguns exemplares, para si e para os nossos amigos da Presença. Esse manifesto esclarece certos pontos obscuros da minha última colaboração. Desfaria oferecer-lhes as poucas obras que tenho publicado, mas não conservo delas nenhum exemplar. Logo que appareça com nova obra, é claro, lembrarei-me de lhe enviá-las todas. Peço-lhe que me diga se recebeu, há tempos, os sete números que publiquei do meu folheto O Rebelde. Caso os não tenha recebidos, mande-me os seus endereços.

Fig. 2d. Carta de Raul Leal a José Régio
[dezembro de 1929]; verso da segunda folha.

Carta de José Régio a Raul Leal de março de 1929
(Coleção Fernando Távora)⁵⁵

Porto
Hotel América Central
Av. Rodrigues de Freitas

Março de 1929

Meu querido Raul Leal:

Porque não respondeu ainda à minha carta? Todos os dias a tenho esperado – a carta em que Você me diga que não está melindrado com a Presença. Confio tanto na sua generosidade, que venho pedir-lhe para a mesma Presença um artigo: Um artigo sobre o cinema, para um número especial que ao cinema vamos dedicar. Não sei se o cinema lhe interessa; mas o Raul Leal escreverá sempre coisas pessoais e novas sobre o que quizer. Isso não é lisonja interesseira – bem o sabe. Queria conversar longamente consigo. Mas escrevo-lhe ao fim duma tarde de trabalho, com a cabeça já vazia. Se puder, não demore muito a responder-me. Um abraço dum dos seus amigos e admiradores mais certos

José Régio

⁵⁵ Carta escrita na página de rosto de uma folha de papel de carta que tem, no canto superior esquerdo, o carimbo da *presença*. Na parte inferior da página, o autor traçou um desenho, uma figura de homem semi-deitado, de cabelo comprido, nu, que pode lembrar a um Cristo deitado. É também presente o envelope que incluía a carta: o rosto apresenta, na parte superior esquerda, o carimbo da *presença* e, na parte direita, o endereço “Ex^{mo} Senhor | Dr. Raul Leal | Rua das Salgadeiras | 36, 3.º, D | Lisboa”; na parte inferior esquerda figura o selo carimbado “Republica Portuguesa | 40 C. | Correio”. O verso do envelope apresenta, na parte superior, o carimbo “presença | COIMBRA – PORTUGAL”; na parte inferior, em sentido inverso, figura duas vezes o carimbo postal “LISBOA | 12.3.29 3-5T | CENTRAL”.

A propósito desta carta, figura no arquivo uma nota, pela mão de Fernando Távora, que diz: “Lote 33.º - carta de José Régio para Raul Leal e respectivo sobrescrito; papel timbrado da revista ‘Presença’; datada de ‘março de 1929’ e com um desenho. Comprada em 20/9/75, na Livraria Académica por ax. 4.000\$00”.

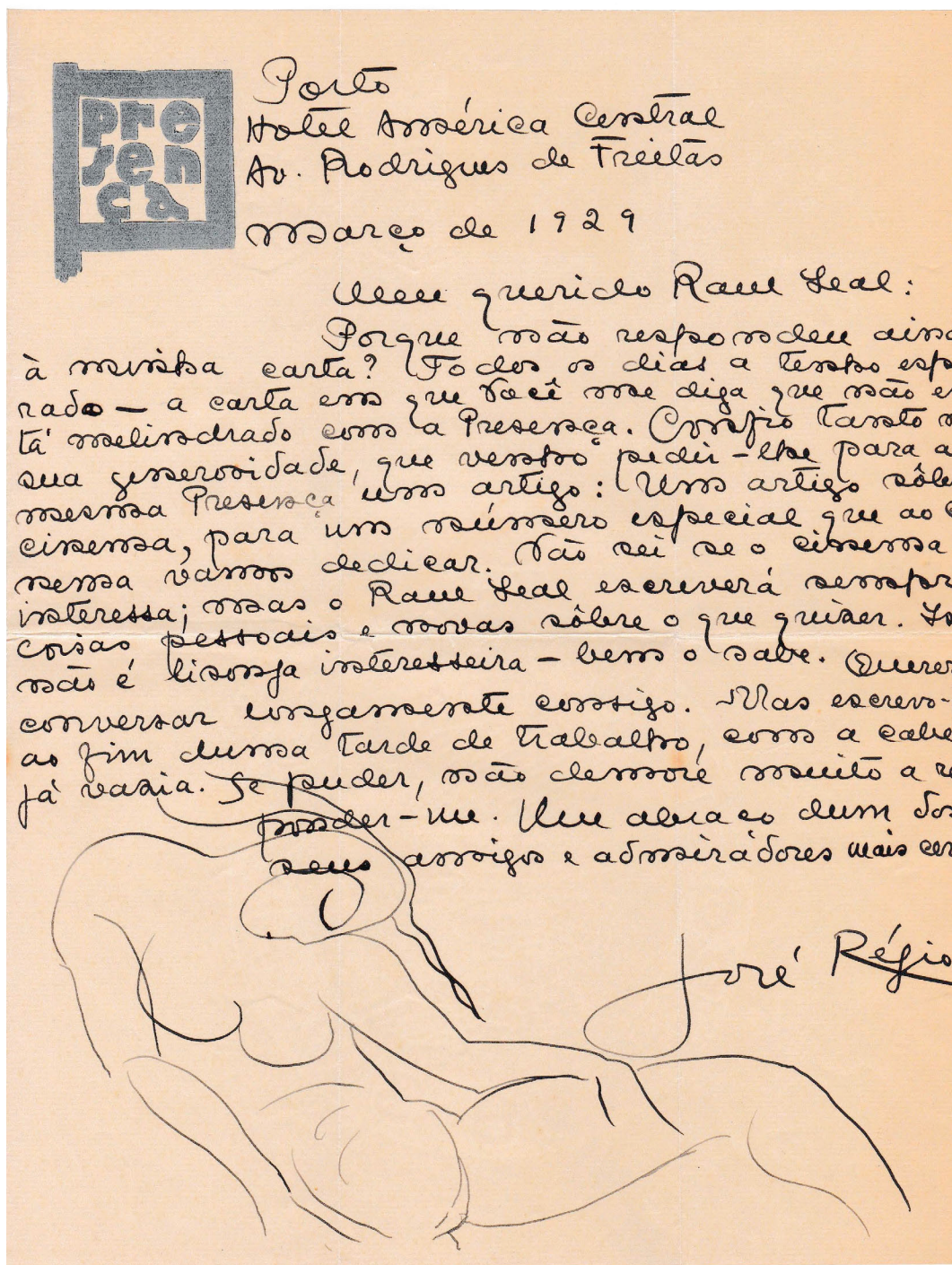


Fig. 3a. Carta de José Régio a Raul Leal [março de 1929].



Fig. 3b. Envelope da carta de José Régio a Raul Leal [março de 1929]; rosto.



Fig. 3c. Envelope da carta de José Régio a Raul Leal [março de 1929]; verso.

Carta de Raul Leal a José Régio de março de 1929
(Espólio José Régio, Vila do Conde)⁵⁶

Lx
Março⁵⁷
de
1929

Meu querido amigo

Em resposta á sua carta devia-lhe ter escrito imediatamente para lhe desfazer por completo qualquer preocupação que tenha sobre o caso do meu artigo, “A Virgem-Besta”. Mas a minha vida é um iterno tormento, tão grande que até penso livrar-me dela indo para Africa (!!!), e por isso perdôe-me a minha falta que só deriva do estado de depressão, de abatimento em que tal vida me põe constantemente. Os meus psalmos interpretam bem a minha alma. Bem pode avaliar por eles todos os horrores que sofro. E não lhe mandei os mais intensos por serem demasiadamente longos. Então veria, assim como no poema que estou escrevendo, toda a tragedia do meu espirito e da minha vida.

Mas deixemos esse assunto que não interessa.

Primeiro que tudo quero agradecer-lhe a sua bela colaboração para a Revista da Solução Editora. Como veio um pouco tarde só poderá ser publicada no terceiro numero. Apesar de eu já não ter nada com essa empresa, o Mario Saa garantiu-me que nesse numero a publicará.

Recebi o ultimo numero da *Presença*. Lá vi a minha taboa bibliografica. Vem muito bem. Satisfazendo o seu desejo, envio-lhe um psalmo que me parece inofensivo.

Agora, a sua carta. A ela vou responder. Por Deus lhe peço que nem mais um momento se preocupe com o caso do meu artigo. Compreendo muito bem a vossa atitude e tanto que, ensinado pela vida, vou já tomando atitudes semelhantes. Um espirito pode ser muito independente mas antes de mais nada deve saber organizar convenientemente a sua independencia. Não a deve deixar á solta de forma a tornar-se uma devastação da própria existencia. Doutro modo, em vez de triunfador será um falhado. E se eu hoje sou transitoriamente um vencido, devo

⁵⁶ Escrita a tinta preta em ambas as faces de duas folhas de papel de carta. Não existe cota, porque esta parte do espólio ainda não foi cotada.

⁵⁷ A palavra “Março” aparece sobreposta a outra palavra rasurada, de que se reconhece o “F” inicial, provavelmente “Fevereiro”; a preposição “de” é sobreposta a algo de difícil interpretação, talvez um anterior “de”, escrito depois de “Fevereiro”, que o autor, ao emendar o mês, quis decalcar.

esse facto á desorientação em que se tem desenvolvido a minha independencia. Só tenho tido atos de impulsividade. E é disso que eu tenho remorsos. Tive, ha alguns anos, todos os trunfos nas mãos e deixei-os imbecilmente perder! D'ahi o castigo tremendo que dos Céus me vem. Por isso no meu poema "Le Prophète Sacré de la Mort-Dieu", primeira parte (já concluída) do "Royaume de la Mort" que constará de tres partes (2.^a "La Vision de Hénoc" em que estou trabalhando; 3.^a "Vers l'Esprit"), nesse poema, digo, eu comparo a minha situação atual com a da Queda de Adão, declarando mesmo que a encarno por razões theometafisicas que constam do mesmo poema.

A verdade, meu querido José Régio, é que quando nos propomos rialisar uma grande Obra na vida, temos, antes de mais nada, que ser uns bons estratégicos. Para impormos essa Obra em toda a sua amplitude precisamos de proceder com manha e cautela, sem o que está tudo perdido e os nossos altos Ideaes desfar-se-hão como pó luminoso disperso na Imensidade. E parece-me que não deve ser esta a nossa aspiração. Não devemos ser demasiadamente cautelosos por nós, pela nossa existencia particular – isso é bom para os burguezes e para os moços da vida! – mas ao nosso Ideal devemos sacrificar o nosso proprio espirito aventureiro e de independencia quando Ele⁵⁸ nos exigir esse tamanho sacrificio. Quem tem uma grande Missão a rialisar, deve adquirir por vezes a rasteira habilidade dos politicos para que o Seu alto Fim se cumpra. E virá tempo em que possa expandir livremente toda a sua independencia d'alma. Por isso eu disponho-me agora a ocultar-me nas selvas para na ocasião propria dar o salto terrível e fincar bem as minhas garras de tigre na carne podre dessa sociedade de merda. Convem mesmo que esqueçam por algum tempo o⁵⁹ meu espirito de rebeldia pois quando os apahar desprevenidos e depois de ter forjado as minhas melhores armas que são algumas das minhas obras, é que então o salto mortal será dado por mim triunfalmente. Antes disso é preciso saber esperar. E portanto eu proprio fui precipitado, reconheço-o bem, enviando-lhe, para publicar, "A Virgem-Besta". Foi um dos taes gestos⁶⁰ de má impulsividade. Mesmo a mim, neste momento, não convinha esta publicação. É o que lhe tenho a dizer sobre a sua carta. Abraça-o o seu muito amigo e admirador

Raul Leal

P.S. – Ia mandar esta carta para o correio quando recebi uma outra sua, mostrando desejo de que eu lhe mandasse um artigo sobre cinema. Muito

⁵⁸ O "E" maiúsculo sobreposto a um "e" minúsculo.

⁵⁹ O artigo "o" sobreposto a "me", provável antecipação do adjetivo possessivo "meu", escrito a seguir.

⁶⁰ A partir daqui, as últimas linhas da carta e a assinatura foram escritas de maneira muito apertada, por falta de espaço na página.

brevemente lh'ó enviarei. E como já tinha copiado o psalmo, ahi vae do mesmo modo para qualquer altura – R.L.⁶¹

⁶¹ O *Post Scriptum* foi escrito, por falta de espaço no fim da última página da carta, na parte superior da primeira página, à direita da data, escrita no canto superior esquerdo, e acima do vocativo “Meu querido amigo”.

José Régio
 Raul Leal
 9.8. — Já mandei esta carta para
 o correio quando recebi uma outra
 sua, mostrando desejo de que eu lhe
 mandasse um artigo sobre cinema.
 muito brevemente, th'o enviarei. E como já tinha
 copiado o psalmo, aporvao do mesmo modo para qualquer
 altura - R.L. Meu querido amigo

Em resposta a' sua carta
 devia - lhe ter escrito imediatamente
 para lhe desfazer por completo qualquer
 preocupação que tenha sobre o caso do
 meu artigo, "A Virgem - Besta". Mas
 a minha vida é um eterno tormento
 tão grande que até penso livrar-me
 indo para África (!!!), e por
 isso perdôe-me a minha falta que
 só deriva do estado de depressão, de
 abatimento em que tal vida me põe
 constantemente. Os meus psalmos in-
 terpretam bem a minha alma. Bem
 pode avaliar por eles todos os horro-
 res que sofro. E não lhe mandei os
 mais inteiros por serem demasiada-
 mente longos. Então veria, assim
 como no poema que estou es-
 crevendo, toda a tragédia do meu
 espírito e da minha vida.
 Mas deixemos esse assunto que não

Fig. 4a. Carta de Raul Leal a José Régio
 [março de 1929]; rosto da primeira folha.

interessa.
 Primeiro que tudo quero agradecer - ~~the~~ a
 sua bela colaboração para a Revista
 da Solução Editora. Como veio um pou-
 co tarde só poderá ser publicada no
 terceiro numero. Apesar de eu já não
 ter nada com essa empresa, o Mario
 Sáe garantiu-me que nesse numero
 a publicará.
 Recebi o ultimo numero da Presença. Lá
 vi a minha taboa bibliografica. Vem
 muito bem. Satisfazendo o seu desej,
 envio - the um psalmo que me parece
 inofensivo.
 Agora, a sua carta. A ela vou respo-
 der. Por Deus the peço que nem mais
 um moment se preocupe com o caso
 do meu artigo. Compreendo muito bem
 a vossa attitude e tanto que, ensina-
 do pela vida, vou já tomando attitudes
 semelhantes. Um espirito pode ser mu-
 to independente mas antes de mais
 nada deve saber organizar convenien-
 temente a sua independencia. Não a
 deve deixar a' solta de forma a
 tornar-se uma devastação da propria
 existencia. Outro modo, um vez de
 triumphador será um falthado. E se eu
 hoje sou transitoriamente um vencido, deo

Fig. 4b. Carta de Raul Leal a José Régio
[março de 1929]; verso da primeira folha.

2

case fact a' desorientação em que
 se tem desenvolvido a minha indepen-
 dência. Só tenho tido atos de impulsivi-
 dade e em geral de má impulsivi-
 dade. É é disso que eu tenho remor-
 sos. Tive, ha alguns anos, todos os trun-
 fos nas mãos e deixei-os imbecilmente
 perder! D'ahi o castigo tremendo que
 dos bens me vem. Por isso no meu
 poema "Le Prophète sacré de la mort-dieu"
 primeira parte (já concluida) do "Roya-
 me de la mort", que constará de três par-
 tes (1.ª "La Vision de Henoch", em que estou
 trabalhando; 3.ª "Vers l'Esprit",), nesse poe-
 ma, digo, em comparo a minha situação
 actual com a da queda de ctdad, declaran-
 do mesmo que a encarno por razões theo-
 metafisicas que constam do mesmo poema.
 et verdade, meu querido José Régio, é que
 quando nos propomos realizar uma grande
 obra na vida, temos, antes de mais nada,
 que ser uns bons estrategicos. Para im-
 pormos essa obra em toda a sua ampli-
 tude precisamos de proceder com mansa
 e cautela, sem o que está tudo perdido
 e os nossos altos Ideaes desfar-se-hão
 como pó luminoso disperso na imen-
 sidade. É parece-me que não deve ser

Fig. 4c. Carta de Raul Leal a José Régio
 [março de 1929]; rosto da segunda folha.

esta a nossa aspiração. Não devemos ser demasiadamente cautelosos por nós, pela nossa existência particular — isso é bom para os burguezes e para os mocos da vida! — mas ao nosso Ideal devemos sacrificar a nosso próprio espírito aventureiro e de independencia grande. Éle nos exigir esse tamanho sacrificio. Quem tem uma grande missão a realizar, deve adquirir por vezes a restrição habilidade dos politicos para que o seu alto fim se cumpra. E virá tempo em que possa expandir livremente toda a sua independencia talva. Por isso eu disponho-me agora a occultar-me nas selvas para na occasião propria dar o salto terrivel e fincar bem as minhas garras de tigre na carne podre dessa sociedade de merda. Comem mesmo que esqueçam por algum tempo o meu espirito de rebeldia pois quando os apanhar desprevenidos e depois de ter perdido as minhas melhores armas que são algumas das minhas obras, é que então o salto mortal será dado por mim triunfalmente. Antes disso é preciso esperar. E portanto eu proprio fui precipitado, recueco-o bem, enviando-lhe para publicar, "A Virgem-Besta". Foi um dos seus gestos de mais impulsividade. Mesmo a mim, nesta occasião, convencia esta publicação. 2.º que me temo a dizer sobre a sua carta. Abre-o e seu espirito já me está a bater.

Fig. 4d. Carta de Raul Leal a José Régio
[março de 1929]; verso da segunda folha.

**Postal de Raul Leal a José Régio [janeiro de 1930]
(Espólio José Régio, Vila do Conde)⁶²**

Meu prezado Amigo,

Estou acabando de copiar o segundo quadro do terceiro ato da minha peça “O Incompreendido” para lhe enviar. Peço-lhe portanto que me mande dizer se se demora em Vila do Conde ou se vai para Portalegre visto acabarem as férias.

Abraça-o o seu muito amigo, admirador e obrigado

Raul Leal

⁶² Postal escrito a tinta preta no verso. O rosto mostra, na parte superior, a escrita impressa “Bilhete Postal”, à esquerda da qual figura o brasão nacional, enquanto à direita aparece o selo de “25 C”. Esta parte superior é parcialmente coberta pelo carimbo postal, em que se consegue ler o número “30” que, com toda probabilidade, se refere ao ano em que o postal foi enviado. A parte inferior é dividida em duas metades. Na metade esquerda figura, debaixo da escrita impressa “Dêste lado e no verso a correspondência”, a indicação autografa do remetente, escrita a tinta preta: “Remete | Raul Leal | R. Das Salgadeiras, | 36, 3.º D. | Lisboa”. Na metade direita, debaixo da escrita impressa “Enderêço”, o remetente escreveu a tinta preta, por cima das linhas pontuadas impressas, o endereço do destinatário “Ilmo. e Exmo. Sr. | José Régio | Avenida Campos Henriques | Vila do Conde”. No meio desta face do postal aparece também o carimbo da estação de correios que o recebeu, em que se lê: “CORR. E TELEGR. | 5.JAN. | VILA DO CONDE”. Segundo as indicações presentes nos carimbos o postal terá sido recebido no dia 5 de janeiro de 1930. Na parte direita do rosto, ao lado da indicação manuscrita “José Régio”, aparece o carimbo azul da “CMVC | CASA DE José Régio” instituição que catalogou esta peça da correspondência regiana.



Fig. 5a. Postal de Raul Leal a José Régio [janeiro de 1930]; rosto.

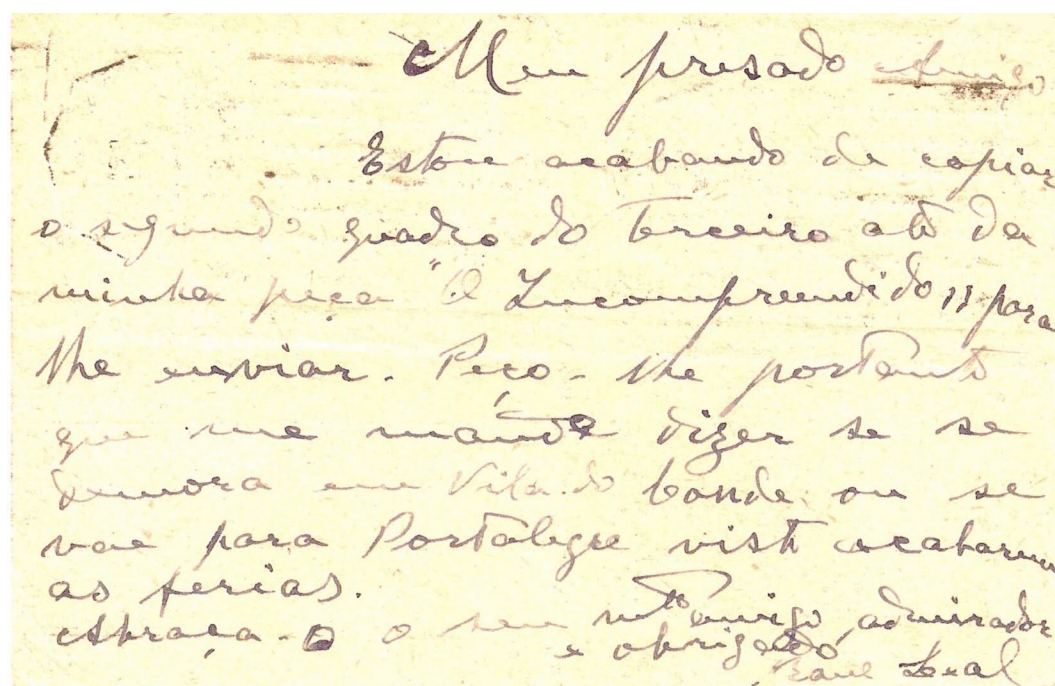


Fig. 5b. Postal de Raul Leal a José Régio [janeiro de 1930]; verso.

**Carta de José Régio a António José Branquinho da Fonseca
(Coleção Fernando Távora)⁶³**

Vila do Conde
Av. Campos Henriques

Segunda-feira,
25-7-1927

Meu caro António José:

Acabo de receber a Presença, depois duma ansiosa expectativa... Já estava, mesmo, a construir mentalmente frases incisivas que ia escrever-te, para me vingar da tua crueldade... O papel, esplêndido! E a disposição também ficou melhor do que eu esperava. Peço-te que não descuides muito o envia-la, porque senão ninguém a receberá ahi em Coimbra. Também te lembro que mesmo entre os nossos amigos ainda ha quem decerto queira pagar a segunda série (Hespanha, Alves Machado, o Craveiro, etc.) Desculpa. Além de colaboração do Raul Leal, recebi, por intermédio do Navarro, colaboração do Mario Saa. O Antonio Botto escreveu-me uma carta (reenviada ahi de Coimbra) com uma canção. Pede-me na carta uma colecção da Presença, que não tenho cá. Espero, pois, de ti que me envies

⁶³ Escrita nas páginas de rosto de duas folhas de papel de carta, exceto a parte final (a partir de “aos nossos amigos da Central”), a assinatura e o *Post Scriptum*, escritos no verso da primeira folha. Quer este verso, quer o da segunda folha são ocupados por desenhos do autor: no primeiro, debaixo da parte final da carta, aparecem duas cabeças de jovens e uma terceira figura inteira, semi-deitada, de mulher, de menor tamanho, ao lado direito da qual é traçada uma flor (pode ser um bem-me-quer ou um girassol), cujas dimensões são proporcionadas com as das cabeças; repare-se que este desenho parece ter sido traçado antes da redação da parte final da carta, que é escrita à volta do desenho. No segundo, figura em primeiro plano um rosto de jovem, parcialmente sobreposto à figura de uma mulher nua que corre, como fugindo assustada, ao lado da qual aparece um elemento vegetal, uma espécie de árvore.

É também presente na coleção o envelope que continha a carta. No rosto, figura o endereço do destinatário: “Ex.^{mo} Senhor | António José Branquinho | da Fonseca | Olivais | Coimbra”; no canto superior direito aparece o carimbo postal: “CORR.^{os} E TEL. | 27.JUL.27 | VILA DO CONDE”. No verso, figura em posição central o selo carimbado (o mesmo carimbo colocado em Vila do Conde) e, à direita o carimbo posto em Coimbra: “CORR.^{os} E TEL | 27 JUL 27 | COIMBRA”.

O acervo guarda uma nota, da mão de Fernando Távora, em que se lê: “ Lote 35.^o - carta de José Régio para António José Branquinho da Fonseca e respectivo sobrescrito; datada de 27 de Julho de 1927, referente a assuntos da Presença e com duas páginas desenhadas. O Dr. Álvaro Bordalo, que me vendeu esta carta, garante que a cabeça da segunda página desenhada é um autorretrato do Régio. Comprado em 28/Maio/75; <pertenceu também segundo>[↑ adquirida pelo] Dr. Bordalo à viúva de Branquinho da Fonseca”.

a dita colecção (poderás dispensar-te de me enviar o 1.º e o último 2 números, que tenho cá) mas que ma envies com todo o cuidado, de modo aos números cheguem ao seu destino decentemente; As minhas recomendações e as minhas *exigências* anda não ficam por aqui: Peço-te para escolheres números bons, e para mos mandares o mais depressa possível. Han...? O Hispano-Suíza que me perdôe a concorrência que procuro fazer-lhe na tua atenção.

E que mais? Esses rapazes por ahi já fizeram acto? Escreve-me um pouco. Vivo aqui, a respeito de convivência, como Robinson. Com a agravante de não ser favorecido como ele, pela ausência completa dos meus semelhantes cuja semelhança me não lisongeia. O que me vale é que tenho estado pela aldeia com o António. E o ar dos pinheiros, as barretadas dos indígenas e a própria poeira das estradas vão-me sanificando os nervos que ahi trazia tão escalavrados. Adeus por hoje. Recomenda-me aos nossos amigos da Central e da Presença.

Um abraço do teu

José Maria

P.S. Recebeste o meu vale? Demorei-me dois dias no Porto, por isso to não mandei logo. Desculpa, e obrigadíssimo.

J. M.

Vila do Corde
 Sr. Carlos Henriques (leu caro António-José:
 Segunda-feira 23. 7. 1927
 Acabo de receber a Presença, depois de uma
 ansiosa expectativa... Já
 estava, mesmo, a constituir mental-
 mente frases incisivas que ia escre-
 ver-te, para me virgar da tua exel-
 lência... O papel, esplêndido! E a dis-
 posição também ficou melhor do que eu
 esperava. Peço-te que não deseesdes uni-
 to o envia-lá, porque assim ninguém
 a receberá aqui em Coimbra. Também
 te levarei que mesmo entre os outros
 amigos ainda há quem decrete queira
 pagar a segunda série (Hespanha, Al-
 ves Machado, o Cravino, etc.) Desculpa.
 Além de colaboração de Raul Leal
 recebi, por intermédio do Tavares, colá-
 boração de Mário Saa. O António Botto
 escreveu-me uma carta (reenviada aqui
 de Coimbra) com uma canção. Peço-me
 na carta uma coleção da Presença, que
 não tenho cá. Espero, pois, de ti que me
 envies a dita coleção (poderás dispor

Fig. 6a. Carta de José Régio a António José Branquinho da Fonseca;
 rosto da primeira folha.

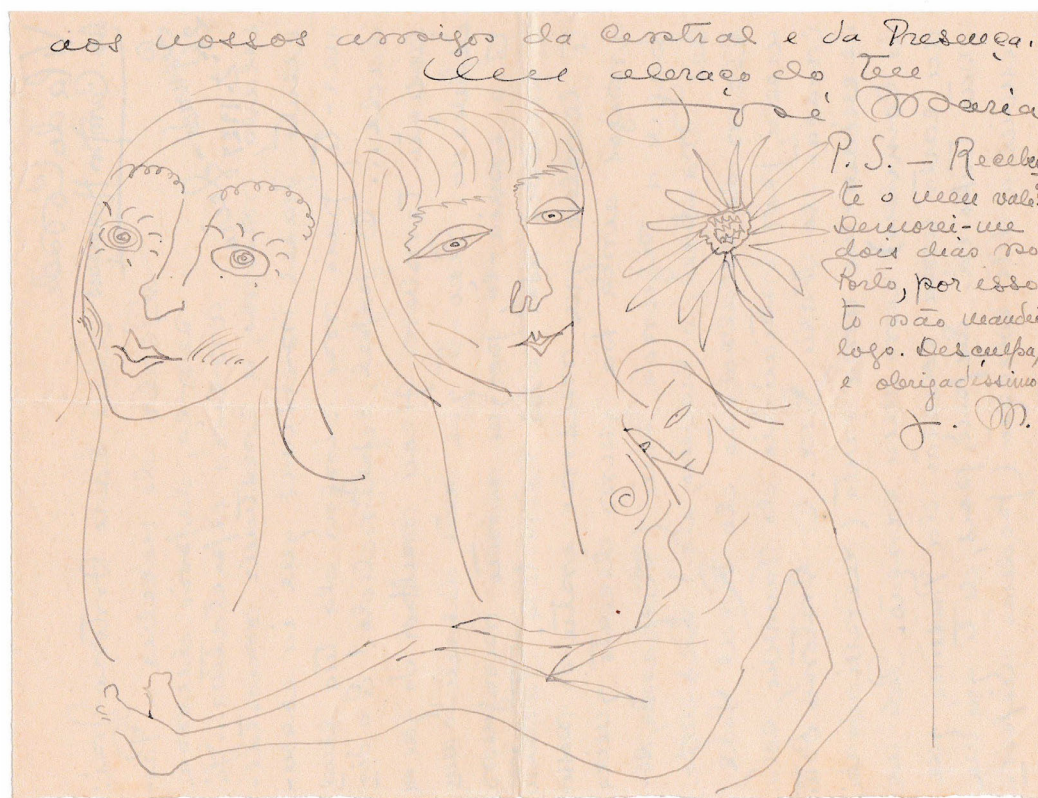


Fig. 6b. Carta de José Régio a António José Branquinho da Fonseca;
 verso da primeira folha.

dar-te de me enviar o 1.º e o último 2
 números, que tenho cá) mas que não
 envies sem todo o cuidado, de modo a não
 meos chegar ao seu destino de repente;
 As minhas recomendações e as
 minhas exigências ainda não fi-
 cam por aqui: Peço-te para escolheres
 números bons, e para os man-
 dares o mais depressa possível.
 Mas...? O Tlepardo - Quida que
 me perdõe a inconveniência que pro-
 curo fazer-te na tua atenção.
 E que mais? Estes Rafaszes poraki
 já fizeram o acto? Escreve-me um
 pouco. Vivo aqui, a respeito de convivên-
 cia, como Robinson. Como a agravan-
 te de não ser favorecido, como ele, pela
 ausência completa dos meus seme-
 lhantes cuja semelhança me não
 lisonjeia. O que me vale é que tenho
 estado pela cadeia com o António.
 E o ar dos primeiros, as barreta-
 das dos indigerosos e a própria poeira
 das estradas vão-me varrificando os
 nervos que aqui traxia tão escaqueira-
 dos. Adeus por hoje. Recomenda-me

Fig. 6c. Carta de José Régio a António José Branquinho da Fonseca;
rosto da segunda folha.

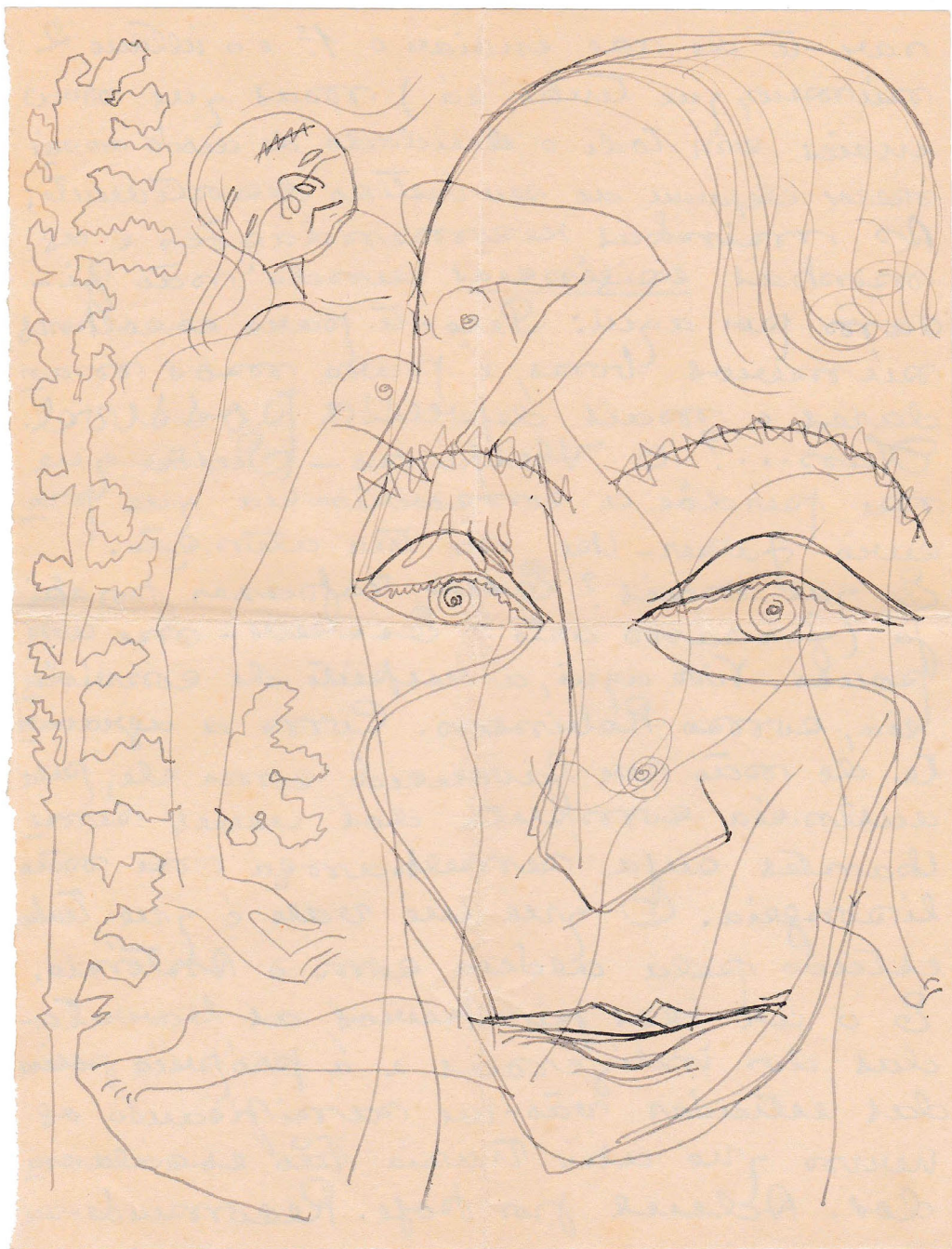


Fig. 6d. Carta de José Régio a António José Branquinho da Fonseca;
verso da segunda folha.

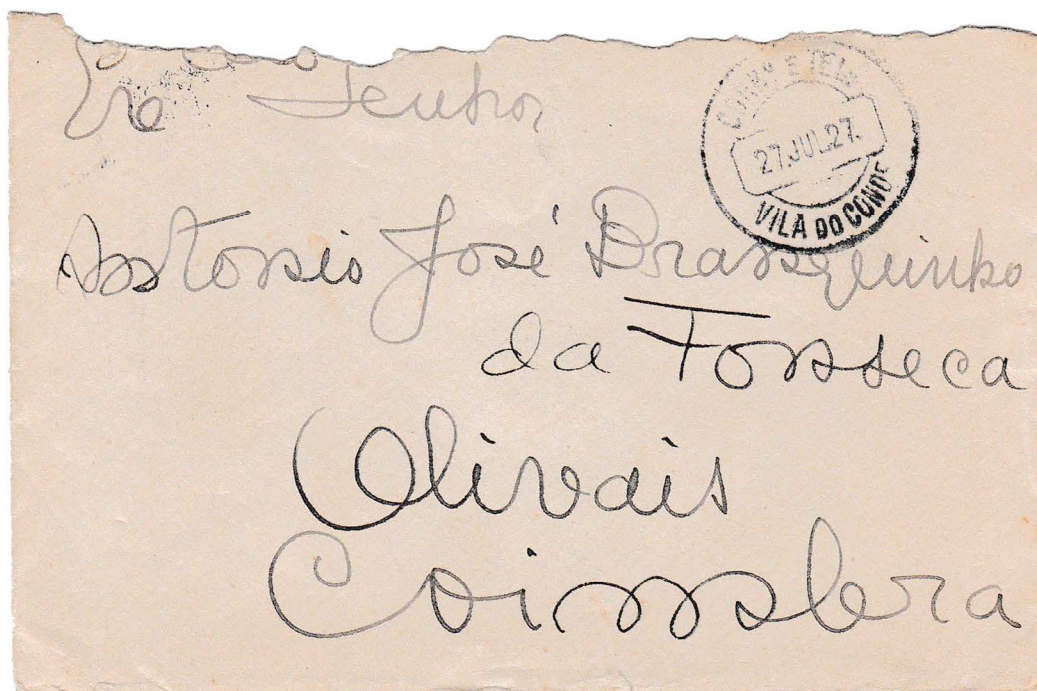


Fig. 6e. Envelope da carta de José Régio a António José Branquinho da Fonseca; rosto.



Fig. 6f. Envelope da carta de José Régio a António José Branquinho da Fonseca; verso.

**Carta de José Régio a Joaquim Moreira
(Coleção Fernando Távora)⁶⁴**

Portalegre
Pensão 21 – Boavista

22-11-935

Senhor administrador da presença e prezado amigo:

Aqui lhe envio três nomes de novos ⁶⁵assinantes da *presença*:

Dr. Domingues Gusmão Araújo
Hotel Portugal
Viseu

Dr. Augusto Saraiva
Hotel Avenida
Viseu

Dr. Manuel da Cunha Reis
Largo do Dr. Cunha Reis
Vila do Conde

Pedia-lhe o favor de enviar a êstes novos assinantes o último número da *presença*, – o mais depressa possível. Poderá avisar-me, numa palavra, da recepção desta carta?

Sem outro assunto,
amigo e agradecido,

José Régio

⁶⁴ Carta escrita a tinta preta no rosto de uma folha de papel pautado amarelado. O verso da folha apresenta, no canto superior direito, a marca de um colchete. Na coleção encontra-se também o envelope que continha a carta: o rosto do envelope apresenta, no canto superior esquerdo, a mesma marca de um colchete que se observa no verso da folha em que foi escrita a carta; além disso, figura o endereço do destinatário: “Ex.^{mo} Senhor | Joaquim Moreira | Largo da Maternidade Júlio Diniz | 70 | Porto”. O verso do envelope mostra, na parte superior, o endereço do remetente: “José Régio | Pensão 21 – Portalegre”; na parte inferior figura, em sentido inverso, o carimbo postal, repetido duas vezes: “PORTO-CENTRAL | 23.11.25 1-9 M | 2.^a SECÇÃO”.

⁶⁵ Antes de “assinantes” aparece riscado “cola”, provável início de “colaboradores”, por lapso.

22-11-935

Portalegre
Pensão 21 — Boavista

Senhor administrador da
Presença e querido amigo:

Aqui lhe envio três nomes
de novos ~~col~~ assinantes da Presença:

Dr. Domingues Gusmão Araújo
Hotel Portugal
Viseu

Dr. Augusto Saraiva
Hotel Avenida
Viseu

Dr. Manuel da Cunha Reis
Largo do Dr. Cunha Reis
Vila do Conde

Pedia-lhe o favor de enviar
a estes novos assinantes o último nú-
mero da Presença, — o mais depressa
possível. Poderia avisar-me, numa pala-
vra, da recepção desta carta?

Sem outro assunto,
amigo e agradecido,
José Régio

Fig. 7a. Carta de José Régio a Joaquim Moreira; rosto.

22-11-32

Carta administrativa da
Presença e suas condições:

Após as suas três reuniões
de trabalho, a Presença da Presença:

Dr. Domingos Figueira
Hotel Portugal
Lisboa

Dr. Augusto Lamas
Hotel Portugal
Lisboa

Dr. Manuel de Castro Pais
Largo do Dr. Castro Pais
Vila do Porto

Deixar-lhe a favor de enviar
a estes dados administrativos o último
estado da Presença, — o mais detalhado
possível. Poderá enviar um nome para
ser de referência para este?

Com os melhores cumprimentos,
João Régio

Fig. 7b. Carta de José Régio a Joaquim Moreira; verso.

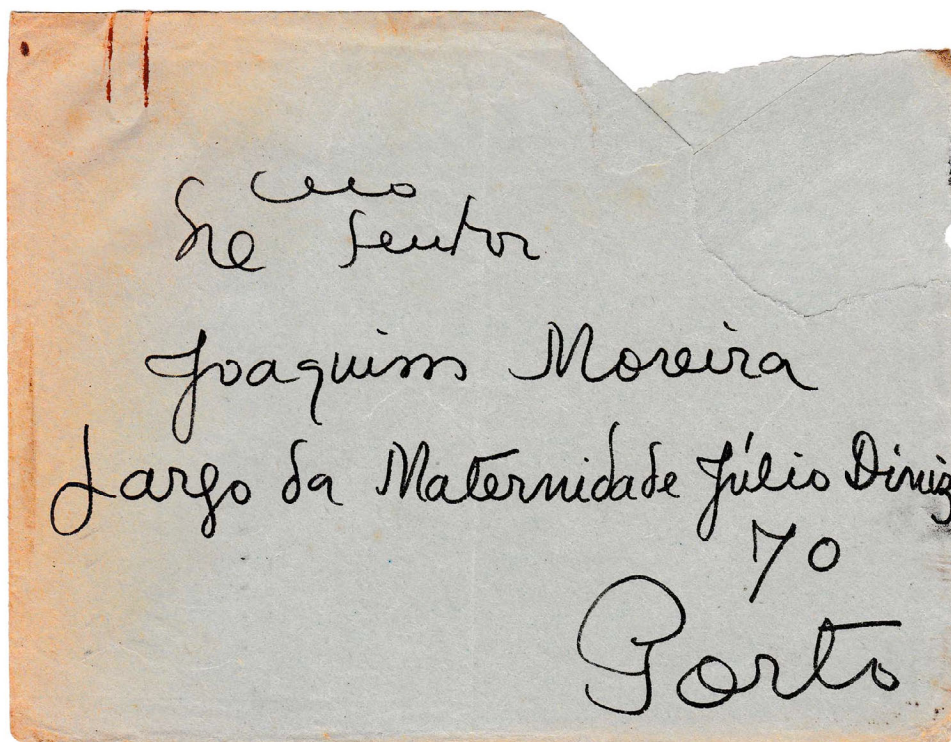


Fig. 7c. Envelope da carta de José Régio a Joaquim Moreira; rosto.

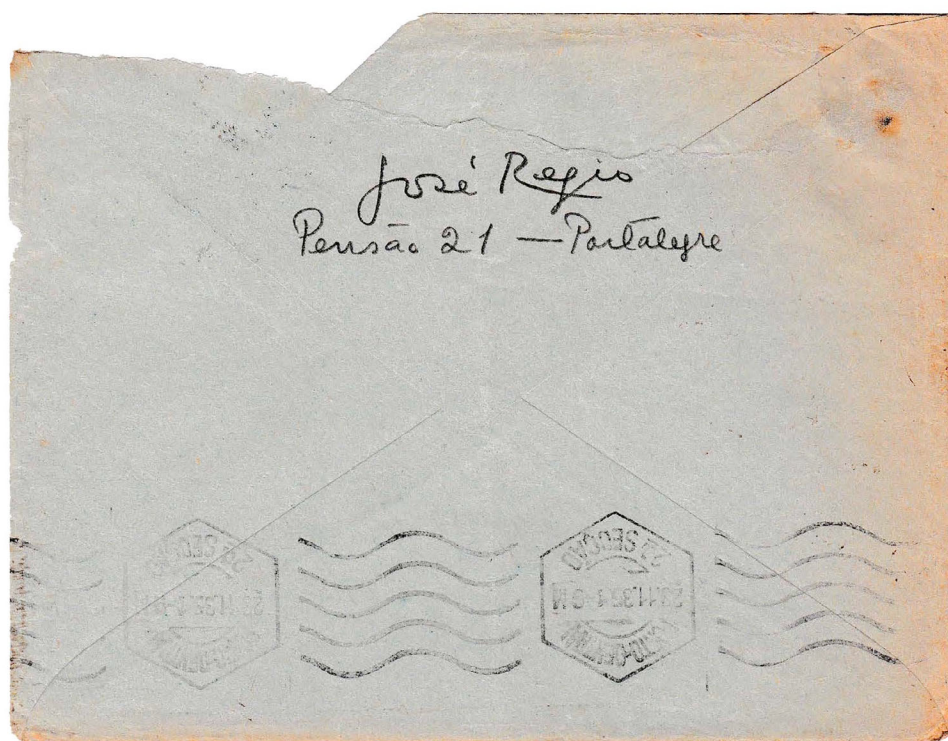


Fig. 7d. Envelope da carta de José Régio a Joaquim Moreira; verso.

Bibliografia

- ALMEIDA, António (2015). “‘Brandindo o cutelo da Maldição’”. Em torno do manifesto O Bando Sinistro de Raul Leal”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 8, Outono, pp. 564-601.
- BARRETO, José (2012). “Fernando Pessoa e Raul Leal contra a campanha moralizadora dos estudantes em 1923”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 2, Outono, pp. 240-270.
- LEAL, Raul (1918). “A retirada de Homem-Christo, Filho”, in *O Liberal*. Folha Imparcial da Manhã (dir. Carneiro de Moura), Ano II (XII), 395 (3.544), Lisboa, 17 de maio, pp. 1-2.
- LEAL, Raul, PESSOA, Fernando, MAIA, Álvaro et al. (1989). *Sodoma divinizada: uma polémica iniciada por Fernando Pessoa a propósito de António Botto, e também por ele terminada, com ajuda de Álvaro Maia e Pedro Teotónio Pereira (da Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa)*. Organização, introdução e cronologia de Aníbal Fernandes. Lisboa: Hiena Editora, Coleção Memória do Abismo, 23. 8º.
- LOPO, Rui (2013a). “Raul Leal e Fernando Pessoa, um sublimado furor diabolicamente divino”, in *Pessoa Plural– A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 3, Primavera, pp. 1-27.
- LOPO, Rui (2013b). “Inéditos de Raul Leal”, in *Pessoa Plural– A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 3, Primavera, pp. 56-90.
- NOVAIS, Isabel Cadete (2002). “Para uma bibliografia activa: colaboração dispersa em jornais, revistas e publicações”, in José Régio. *Itinerário fotobiográfico*, Coleção Presenças da Imagem, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde, 2002, pp. 319-356.
- PESSOA, Fernando (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os diretores da presença*. Edição e estudo de Enrico Martines, coleção Estudos, volume 2, Equipa Pessoa, Grupo de Trabalho para o Estudo do Espólio e Edição Crítica da Obra Completa de Fernando Pessoa, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- PESSOA, Fernando (2011). *Argumentos para filmes*. Edição, introdução e tradução de Patricio Ferrari e Claudia J. Fischer. Posfácio de Fernando Guerreiro. Lisboa: Ática.
- SÁ-CARNEIRO Mário de (2015). *Em Ouro e Alma – Correspondência com Fernando Pessoa*. Edição de Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china.
- SILVA, Manuela Parreira da (2015). “Raul Leal, o filósofo ‘futurista’ de Orpheu”, in *Estranhar Pessoa*, n.º 2, Outono, pp. 110-119.
- SIMÕES, João Gaspar (1977). *José Régio e a história do movimento da “Presença”: autobiografia*. Porto: Brasília.